

BT
121
.2
.B72
1958

LIBRARY OF PRINCETON

JUN 6 1994

THEOLOGICAL SEMINARY

BT
121
.2
.B72
1958

as receberéis o

PODER

ZACHARIAS BRAVO

~~~~~

“Não há dúvida que a Doutrina do Espírito Santo constitui um dos mais delicados e complexos temas dentro da literatura evangélica. Causaram-me admiração, portanto, a simplicidade e a objectividade com que o autor desenvolveu seu estudo sôbre a matéria nesta obra, colocando ao alcance de todos os leitores um de nossos mais importantes problemas. Certamente êste livro será uma valiosa contribuição para a obra do reavivamento espiritual no Brasil.”

— O ARAUTO

~~~~~




Digitized by the Internet Archive
in 2014

<https://archive.org/details/masrecebereisopo00brav>

Ao Dr. John Mackay
com a minha mais
profunda admiração

Zacharias Braze.

Indianapolis 25. 5. 1959

MAS RECEBEREIS O PODER...

MAS RECEBEREIS O PODER...

Por

Rev. ZACHARIAS BRAYO.....

(PASTOR PRESBITERIANO)



Prefácio do

Dr. José Borges dos Santos Jr.

1958

Livraria - Editôra
HINMAN & OVERHOLT LTDA.
Caixa Postal 3632
São Paulo, Capital
Brasil

Í N D I C E

Prólogo		11
Cap. I	— <i>As Promessas da Vinda do Espírito</i>	15
	1 — A Promessa da Vinda de Jesus.	
	2 — A Promessa da Vinda do Espírito Santo.	
	3 — Tempos do Verbo.	
	4 — Membros da Igreja, não Convertidos.	
Cap. II	— <i>A Vinda do Espírito Santo</i>	24
	1 — Cumprimento das Profecias.	
	2 — O Batismo do Espírito.	
	3 — A Unificação dos que Crêem.	
Cap. III	— <i>Manifestações de Sua Vinda</i>	28
	1 — Para a Formação da Igreja.	
	2 — O Batismo Judaico.	
	3 — O Batismo Samaritano.	
	4 — O Batismo Gentílico.	
	5 — João Batista e Jesus.	
Cap. IV	— <i>A Plenitude do Espírito</i>	51
	1 — Cheios do Espírito Santo.	
	2 — Explicando a Expressão.	
Cap. V	— <i>A Plenitude do Espírito (continuação)</i>	58
	1 — Ilustrando.	
	2 — Uma Palavra Final.	
Cap. VI	— <i>A Plenitude do Espírito na Vida Cristã</i>	64
	1 — Introdução.	
	2 — Fé.	
	3 — Obediência.	
	4 — Oração.	
Cap. VII	— <i>O Fruto do Espírito</i>	73
	1 — Qual é o Fruto do Espírito?	
	2 — Quem Apresenta o Fruto do Espírito?	
	3 — Manifestação do Fruto na Conduta Cristã.	

Cap. VIII —	<i>Os Dons do Espírito</i>	79
	1 — Não sejas ignorantes.	
	2 — O Dom é dado para um fim proveitoso.	
	3 — O Dom é de livre distribuição do Espírito.	
	4 — A Diversidade de Serviços.	
	5 — O Caminho mais excelente.	
Cap. IX —	<i>O que é Mais Excelente que os Dons</i>	83
	<i>A Supremacia do Amor.</i>	
Cap. X —	<i>O Dom de Línguas</i>	87
	1 — Porque vamos estudá-lo separadamente.	
	2 — Confusão e mais confusão.	
	3 — Testemunho de um autor insuspeito.	
	4 — Uma regra áurea e uma norma áurea.	
	5 — Quando o N.T. fala em Dom de Línguas.	
	6 — Nas cartas Paulinas.	
Cap. XI —	<i>O Dom de Línguas (continuação)</i>	100
	1 — O Dom de Profecia é superior ao Dom de Línguas.	
	2 — Os Dons em face aos visitantes da Igreja.	
	3 — Necessidade de ordem no culto.	
	4 — Nota sôbre o texto.	
	5 — Conclusões.	
	6 — Resumindo o capítulo.	
Cap. XII —	<i>A Pessoa do Espírito Santo e Sua Relação com o Pentecostes</i>	108
	1 — O Espírito Santo é uma pessoa.	
	2 — Atribuições pessoais do Espírito.	
	3 — Relação do Pentecostes com o Espírito.	
	4 — A Obra do Espírito Santo.	
Cap. XIII —	<i>Funções do Espírito Santo</i>	114
Cap. XIV —	<i>O Espírito Santo e a Trindade</i>	117
	1 — O Espírito Santo é uma pessoa.	
	2 — É uma pessoa Divina.	
	3 — A Trindade na Redenção.	
Cap. XV —	<i>Pecados contra o Espírito Santo</i>	119
Cap. XVI —	<i>O Espírito Santo na Sua Vida</i>	121
	<i>Bibliografia</i>	125

P R E F Á C I O

Ensinar é a missão da Igreja. Essa foi a ordem que lhe deu o seu divino e excelso fundador — “Ide, ensinai tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.”

Ensinar foi o que Jesus fêz no seu ministério terreno durante três anos e, praticamente, todos os dias. Ensinar é a tarefa específica do Espírito Santo. Ele é o guia, o mestre e o preceptor da Igreja, o mestre que ilumina e faz lembrar tôdas as verdades acêrca do Redentor dos homens. Ensinar é a missão da Igreja. Livros, classes, artes, rádio, tudo quanto fôr apropriado à Igreja pode e deve usar para cumprir a sua missão. Mas a igreja, quando ensina, não é a fonte da verdade; porque essa fonte são as Escrituras Sagradas do Velho e do Novo Testamento — a Palavra de Deus.

Este, entre outros, é o mérito do livro que escreveu o meu amigo e companheiro, o Rev. Zacharias Bravo: expõe ao povo a doutrina do Espírito Santo como está na Bíblia. Com êste livro a Igreja vai ensinar o que diz a Bíblia sôbre um assunto que nem sempre tem sido convenientemente estudado. O problema do reavivamento e os abusos, o assunto das curas, das línguas estranhas, da ordem do culto e alguns outros mais em curso pelo meio religioso do Brasil são sinais ou sintomas da ignorância em que se tem deixado o povo acêrca de uma doutrina bíblica essencial.

O Rev. Zacharias Bravo escreve como pastor que tem sido, e, assim, instantemente solicitado pelas urgentes necessidades do povo evangélico em tôda a parte.

É notável que livros não se mandam escrever. Escreve livros aquêle que tem algo no coração e na mente. Assim se explica que os livros religiosos que estão sendo

escritos pelos evangélicos do Brasil, com raríssimas exceções, são livros de homens de quem não se podia esperar que escrevessem, porque são pastores absorvidos completamente pela multiplicidade de tarefas inadiáveis de um vasto campo de trabalho. É exatamente o caso do Rev. Zacharias Bravo. Não é um professor, um catedrático do assunto, não é, pròpriamente, um acadêmico — é um pastor.

A história sempre se repete: Luiz Quinto, um leigo, escreveu sôbre a predestinação. Daví, um pastor de ovelhas, com seixos rolados e uma funda de atirar pedras, enfrentou o gigante que escarnecia dos homens de guerra. Agora é um pastor em atividade incessante na sua paróquia que escreve um livro acêrca do Espírito Santo. O livro, certamente, deixará margem para muita crítica. E, mais uma vez, a história se repetirá: “E Eliab, irmão de Daví, lhe disse: por quê desceste aqui? A quem deixaste aquelas poucas ovelhas no deserto? Bem conheço a tua presunção!”

O certo é que Eliab não enfrentava o gigante. Daví enfrentou e venceu.

O livro do Rev. Zacharias Bravo — livro de pastor — o povo, certamente, vai ler, entender, apreciar e, sobretudo, usar com grande proveito.

O que faz a beleza das coisas e dá fôrça às idéias é a alma, a vida com que elas são feitas e apresentadas. A própria forma depende da vida, porque não é a forma que gera a vida: a vida é a suprema criadora de tôdas as formas.

Êste livro foi escrito por um homem cheio de vida, um homem com a alma no trabalho do reino de Cristo. Um livro de vida para alimentar a vida nas almas que amam e procuram servir a Deus.

Laus Deo!

JOSÉ BORGES DOS SANTOS JR.

São Paulo, 6 de novembro de 1958.

PRÓLOGO

Ao reestudar a doutrina do Espírito Santo, pareceu-me oportuno escrever as notas que sobre Ele tenho organizado, para aulas de estudos bíblicos na Igreja.

Tenho ouvido tantos disparates sobre o assunto, não só de pessoas simples, como até de gente lida. São pessoas que estão preocupadas com a vida vitoriosa, mas, sem boa base doutrinária, vão sendo levadas por experiências apenas sensíveis e por isso mesmo efêmeras, falhas e passageiras, quando não, levadas a um fanatismo permanente, vulgar e indesejável. Colocaremos de lado, por não ser de âmbito deste estudo, as pessoas sensibilizadas por quaisquer neuroses, cheias de si próprias, onde domina o egoísmo. Vidas fanatizadas, na triste confusão das aparências falsas, dominadas pela cegueira intransigente de si.

Às vezes, tenho dito que quando o diabo não pode pôr água para esfriar o crente, põe-lhe fogo para aquecê-lo demais, levando-o a um exagêro quase sempre pernicioso à Igreja.

Por outro lado, muitas pessoas sinceramente honestas, têm inconscientemente através da formação de uma mentalidade rotineira, querido "conformar" o Espírito a certas normas pré-estabelecidas.

Para elas, a plenitude do poder, pode vir, pelos caminhos rotineiros já traçados na forma litúrgica do Culto. Assim, existe como que uma "fôrma" e somente por meio desma fôrma o Espírito deve vir. Ora, acontece que o Santo Espírito de Deus é Soberano e age quando e como quer; age independentemente de caminhos humanos e fôrmas pré-estabelecidas.

Deixemos pois, que o Espírito aja livremente. O Pentecostes é para nossos dias, no sentido de tomar a Igreja,

uni-la, comissioná-la às grandes realizações e fazer de cada membro, vaso cheio da Plenitude do Espírito.” . . . *mas enchei-vos do Espírito”. Ef. 5-18.*

O Espírito Santo é para os nossos dias. Ele deve ser uma realidade diária na vida de cada crente, não só para fazer brotar nele a semente de uma nova vida, mas comissioná-lo a um serviço glorioso, isto acontece quando o coração se abre para encher-se de sua influência.

Estudaremos detalhadamente as manifestações e resultados de sua vinda, que é o objetivo dêste estudo. Depois faremos um breve resumo da doutrina do Espírito Santo, sua relação com o Pentecostes, suas funções, seu papel na Trindade, e pecados contra o Espírito Santo.

Em atitude permanente de oração é que escrevemos estas considerações. Convidamos o leitor amigo a estudá-las do mesmo modo.

Queira Deus orientá-las para instrução das almas, salvação de pecadores e edificação da Igreja.

“Ensina-me Senhor a elaborar êste trabalho, para que êle seja a correta expressão da verdade, e venha contribuir para o esclarecimento da Igreja e glorificação do Teu Nome, ó Pai.”

Leitor amigo!

Há para você, uma vida vitoriosa de salvação e de serviço glorioso no Reino de Deus, o nosso Reino. O Espírito Santo de Deus,

*nos chama,
nos prepara e . . .
nos comissiona*

para as tarefas de súditos leais.

O estudo que ora vamos iniciar juntos, deve contribuir para esclarecer-nos e assim tomarmos o caminho alegre de uma vida construtiva, plena de gozo e de realizações. Essa vida exuberante não é só para os místicos e para os espíritos privilegiados. É para você também, companheiro de escritório, da fábrica, do campo e da cidade, da cátedra e do comércio . . .

“Recebereis a virtude que há de vir sobre vós e sereis minhas testemunhas em tôda a Judéia, Samaria, e até aos confins da terra. Atos 1:8.

“Até que sobre nós se derrame o Espírito lá do alto”
Isaiás 32:15.

“Aviva a tua obra, ó Senhor, no meio dos povos!”

“Vem, ó fôlego dos quatro ventos e assopra sobre êsses mortos para que vivam.” Ezequiel 37:9.

Leitor amigo!

Busca a Deus, o Pai das Luzes, em oração, agora, antes de estudar a sua Palavra. Ele tem para mim, e para você também, uma bênção especial, um poder admirável que nos capacita a vencer tôdas as dificuldades.

Ele quer dar-lhe êste poder. Você prefere viver em desânimo e fraquezas? Venha comigo através destas páginas e aprenda como apropriar-se do Poder do Espírito para uma vida construtiva, poderosa, alegre, benfazeja, feliz e cheia de realizações como servos de Deus!

ZACHARIAS BRAVO

Bauru, outubro - 1958

CAPÍTULO I

PROMESSAS DA VINDA DO ESPÍRITO

I — A Promessa da Vinda de Jesus.

Aqui temos a promessa mais gloriosa feita aos homens: a vinda do salvador; vejamos os acontecimentos que a determinaram.

“No princípio criou Deus os céus e a terra” e sucessivamente os povoou de sêres e de coisas. Como ponto elevado da criação foi feito o homem à imagem e semelhança de seu criador; morando no Jardim do Éden, onde lhe foi dado a incumbência de cuidar dêle, juntamente com sua coadjutora.

Assim viviam Adão e Eva, felizes e despreocupados, recebendo diàriamente a visita de Deus e gozando de sua companhia benfazeja, num ambiente de santidade, paz e liberdade.

Acontece porém que Deus, entre infinitas liberdades, impõe-lhes uma proibição. Uma, apenas, e por essa única *porta*, pela qual Deus os provava e os fazia livres, êles entraram sendo reprovados e fazendo-se escravos.

Foi a única oportunidade de desobedecer, e êles dela aproveitaram para cair, do estado de santidade ao estado de pecado, onde numa cadeia tenebrosa de desobediências iriam mais e mais afastando-se de Deus.

Deus, que é justiça, devia condená-los; e condenou-os.

Deus, que é amor, devia perdoá-los e perdoou-os.
Como foi isso?

Foi assim: A primeira transgressão dá oportunidade à primeira promessa de perdão. A justiça de Deus devia

ser satisfeita um dia, na pessoa daquêle que haveria de nascer da semente da mulher, para esmagar a cabeça da serpente. Foi essa promessa sempre renovada até o seu cumprimento, a vinda do Redentor, Jesus Cristo.

Essa alegre esperança era renovada de tempos em tempos pelas vozes dos profetas de Deus. Êles anunciavam não sòmente a vinda do Redentor, mas suas profecias desciam a minudências quanto à sua vida, predizendo até as suas vestimentas.

Isaías, por exemplo, um dos grandes profetas do Senhor, falou com tanta certeza e pormenores a respeito do Redentor, que é chamado o profeta messiânico. São dêles estas palavras: “Portanto, eis que o mesmo Senhor vos dará um sinal. Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e será o seu nome Emanuel.” (Is. 7:14) “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sôbre seus ombros, e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”. Isaías fala também de sua pregação e de sua morte expiatória. Consulte o prezado leitor, em sua Bíblia, os capítulos cinquenta e três e cinquenta e cinco de Isaías e verá a prova desta afirmativa.

Assim poderíamos transcrever aqui uma centena de profecias com respeito à vinda gloriosa de Jesus, e sua admirável vida, bem como tudo que lhe aconteceu nos rápidos mas fecundos trinta e três anos passados na terra. Convém lembrar que tôdas essas profecias tiveram o seu exato cumprimento no tempo determinado. Jesus veio para cumprir tudo o que dêle estava escrito. Basta ler o Novo Testamento para se ter uma prova desta afirmativa.

II — A Promessa da Vinda do Espírito Santo

Assim como foi predita a vinda de Jesus, também foi predita a vinda do Espírito Santo, — e as profecias de Deus jamais falham. Vejamos algumas passagens nas Escrituras, que falam de sua vinda.

1 — *No Velho Testamento*

Isaías 44:3. “Derramarei do meu Espírito sôbre sua posteridade”.

Ezequiel 11:19. “e um Espírito novo porei dentro dêles... “e porei dentro de vós o meu Espírito...”

Joel 2:28 e 29. “E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sôbre tôda a carne e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, e vossos velhos terão sonhos, e vossos mancebos terão visões. E também sôbre os servos e sôbre as servas, naqueles dias derramarei o meu Espírito.”

2 — *No Novo Testamento.*

É no Novo Testamento que encontramos predições mais claras com respeito a vinda do Espírito. É que o dia de sua vinda estava próximo. Jesus antes de subir aos céus, preveniu seus discípulos a fim de que não saíssem de Jerusalém, enquanto não recebessem, para fortalecê-los e guiá-los aquêle que viria substituí-lo, isto é, o Espírito Santo, o Consolador.

O Novo Testamento fala também do trabalho e permanência do Espírito dirigindo a Igreja em geral e aos crentes em particular.

Mateus 3-11. “Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquêle que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar..., Êle vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.”

Marcos 1-8. “Eu vos tenho batizado com água; Êle porém vos batizará com o Espírito Santo.”

Estas duas passagens falam da vinda de Jesus, que batizaria os conversos, em tempo oportuno, com o “Espírito Santo”, o que de fato aconteceu no derramamento do pentecostes e em datas subseqüentes na época em que a Igreja se formava, dando os seus primeiros passos.

Estas passagens se referem, quanto ao Espírito, a Joel 2:28, 29 e quanto ao fogo a Malaquias 4:1. O “ba-

tismo do Espírito”, como ainda veremos significaria para êles o penhor ou garantia do favor de Deus e o início da realização de tôdas as bênçãos que **Êle** lhes prometera e que todos ansiosamente aguardavam. (Veja Isaías 4:2-6, 32:15 a 18)

O objetivo de João ao dizer que Cristo os batizaria, era mostrar-lhes aquêle em que tôdas as promessas se cumpririam se êles o aceitassem.

João 14:16-17. “E eu rogarei ao Pai, e **Êle** vos dará outro Consolador, a fim de que esteja sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque **Êle** habita convosco e estará em vós.”

Aqui Jesus dá as suas últimas instruções aos discípulos e apresenta-lhes a razão de sua saída dêste mundo. **Êle** veio para uma permanência curta e definida. Sua missão se aproximava do fim. Os discípulos entristecidos teriam porém, como substituto do Senhor, outro Consolador que viria oportunamente pela oração de Jesus. **Êles**, portanto, não ficariam órfãos.

Em outras palavras, Jesus notando a tristeza dos discípulos, consola-os dizendo-lhes que não ficariam órfãos, mas que **Êle** iria orar ao Pai para que mandasse o Espírito, a fim de ficar para sempre em seu lugar com os discípulos.

Atos 1:5. “João na verdade batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, mas não muito depois dêstes dias.”

Aqui Jesus, já ressurreto, mais uma vez confirma a promessa da vinda do Espírito, para batizar os discípulos e a Igreja e claramente diz que êsse acontecimento notável se daria em breve.

Atos 1:8. “Mas recebereis poder, ao descer sôbre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em tôda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra.”

Aqui Jesus fala dessa vinda como um novo poder na vida dos apóstolos, operando neles para testemunho da fé que professavam, em Jerusalém, Judéia e até aos

confins da terra. Cheios dêsse novo poder êles seriam testemunhas aos judeus (Judéia), aos samaritanos (Samaría), e aos estrangeiros ou gentios (até aos confins da terra).

Haveremos de ver neste estudo, que foi por êsse caminho — Judeus, samaritanos e gentios que veio a pregação e aceitação do Evangelho e a manifestação do Espírito, batizando-os para a formação do corpo de Cristo, isto é, da Igreja. Assim também tôdas as profecias do Espírito, tiveram seu real cumprimento na história. **Êle veio! Êle está no mundo!**

No livro de Atos que retrata o período de formação da Igreja encontramos a radiosa descrição do cumprimento dessa profecia: a vinda do Espírito unindo Judeus, samaritanos e gentios, numa só Igreja, pela manifestação inequívoca registrada em várias partes do livro. Isto é o que veremos em capítulos subseqüentes.

III — **Tempos do Verbo.**

Antes de passarmos adiante, detenhamo-nos para mais uma informação.

Antes da vinda do Espírito registrada no livro de Atos, tôdas as passagens que se referem a essa vinda estão no futuro. Isto é, elas falam de um acontecimento que está para vir na experiência da Igreja. **Êle viria!!**

Depois da vinda, registrada no livro de Atos, tôdas as passagens do Novo Testamento que falam sôbre o assunto, estão no passado, isto é, falam de uma experiência passada. **Êle veio!!!**

Para sermos mais claros:

1 — Antes do Pentecostes as passagens que falam da vinda do Espírito estão no futuro

2 — Depois dêsse período de transição, cuja descrição encontramos em todo o livro de Atos; as passagens com referência ao Espírito na sua função de *dar*, *receber*, *batizar*, *selar* e *enviar* estão no passado. Trata-se pois de um fato já acontecido na experiência da Igreja.

3 — Quando as passagens se referem a permanência no Espírito, os verbos *ter, estar, ficar, permanecer, habitar* estão no presente,

I Cor. 2:12. "... Temos recebido o Espírito..."

I Cor. 12:13. "... fomos batizados formando um corpo..."

II Cor. 1:22. "... nos selou e nos deu o penhor do Espírito..."

II Cor. 5:5. "... outorgando-nos o penhor do Espírito..."

Gálatas 3:27. "... fostes batizados em Cristo..."

Gálatas 3:2. "... recebestes o Espírito pelas obras da lei, ou pelo ouvir com fé..."

Gálatas 4:6. "... enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu filho..."

Rom. 8:15. "... recebestes o Espírito de adoção..."

Efés. 4:5. "... um só batismo..."

I João 2:27. "... a unção que dêle recebestes..."

I João 3:24. "... pelo Espírito que nos deu..."

I João 4:13. "... em que nos deu o seu Espírito..."

Se o leitor quiser mais informações pode procurar tôdas as referências bíblicas que muito auxiliarão no esclarecimento do assunto, para ver que o Espírito já veio.

Nem pode ser de modo diferente. O Espírito fôra prometido. A promessa se cumprira, pela vinda do Espírito para permanecer na Igreja para sempre. Era absurdo falar-se em uma nova vinda, daquêle que já estava entre êles.

Assim também não vemos razões para uma vinda do Espírito hoje. Êle já veio e está na Igreja a produzir o belo fruto de bondade, justiça e verdade.

Gál. 5:22. "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade e fidelidade."

Ef. 5:9. "Porque o fruto da luz consiste em tôda a bondade, e justiça, e verdade."

Rom. 8:9-11-23. “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós. E se alguém não tem o Espírito de Cristo, êsse tal não é dêle”.

— “Se habita em vós o Espírito que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais por meio do seu Espírito que em vós habita.”

— “E não sòmente ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gemendo em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.”

I Cor. 3:16. “Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?”

I Cor. 6:19. “Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos.”

Efés. 1:14. “O qual é o penhor da nossa herança até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória.”

Efés. 4:30. “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fôstes selados para o dia da redenção.”

II Tim. 1:14. “Guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós.”

I João 2:20-27. “E vós possuís unção que vem do Santo, e todos tendes conhecimento.”

— “Quanto a vós outros, a unção que dêle recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de tôdas as cousas, e é verdadeira, e não falsa, permaneci nêle, como também ela vos ensinou.”

Por aqui concluimos:

1 — Deus já nos deu o Espírito Santo.

2 — Nós já o recebemos. (Os que arrependidos crêem em Seu nome)

3 — Êle nos selou. (Estamos com a marca, sêlo — e por isso estamos garantidos)

4 — Nós temos o Espírito em nossos corações.

5 — Deus nô-lo enviou e nós fomos batizados nêle.

6 — Ele habita, fica, ou permanece em nós para sempre.

IV — **Membros de Igrejas, não Convertidos.**

Pode-se objetar que há na Igreja pessoas que não estão dando bom testemunho de crentes sinceros, e portanto, não estão batizados no Espírito, e temos que convir que isto é verdadeiro. Isto apenas vem comprovar o que há tantos séculos a experiência têm demonstrado: que nem todos os que estão arrolados numa Igreja sofreram a verdadeira regeneração e conversão. Em outras palavras, parece-nos ser exato que algumas pessoas arroladas na Igreja, ainda não entraram para ela pela porta certa, isto é, pelo caminho espiritual da regeneração e conversão. Assemelham-se ao homem que compareceu, é verdade, ao banquete nupcial, mas sem a roupagem conveniente e por isso mesmo perdeu o seu lugar, e envergonhado, foi pôsto para fora.

O que desejamos frisar é que, pessoas regeneradas e convertidas, estão conseqüentemente batizadas no Espírito, pois por influência dêle é que entram para a Igreja de Deus, pelo seu toque sobrenatural. Por outro lado ninguém pode dizer: Senhor Jesus! Senão pelo Espírito Santo (I Cor 12:3). Chegamos pois à seguinte conclusão: o batismo do Espírito, ou seja a regeneração e conversão produzem no homem o despertar de uma nova vida. É o novo nascimento. Todos os que nasceram de novo estão portanto batizados.

Quantos, mesmo arrolados numa Igreja, ainda não sentiram êsse despertar de um novo dia! Evidentemente não são batizados, ou como é comum dizer-se, “não são crentes.” Contudo, não nos compete fazer juízo sôbre qualquer pessoa pois a recomendação clara de Jesus é esta: “Não julgueis”. (Mat. 7:1)

Na Igreja, portanto, o trabalho de avivamento se desenvolve por dois caminhos: primeiro, conversão de membros que ainda não sentiram o despertar dessa nova vida, nem o gôzo do Espírito. Segundo, o despertamento

de crentes, para um trabalho mais intenso, fazendo-os sentir de uma maneira especial e plena o toque do Espírito, não só para uma vida de serviço e gozo, como também para uma vida de trabalho operoso e humilde.

Há pessoas realmente convertidas, portanto, crentes e batizadas, mas que não sentem o fogo do Espírito. São na verdade, vasos de Deus, porém não estão sendo usados. Vasos vazios da graça. Vazios do Espírito.

A plenitude do Espírito, que devemos fervorosamente buscar, aquece-nos, dando-nos o poder para um trabalho eficiente, e para uma vida cheia de gozo, “cheia do Espírito.”

Devemos consignar aqui, para maior esclarecimento, o fato comum entre muitos estudiosos da doutrina do Espírito Santo, de se referir ao batismo do Espírito Santo, quando estão falando de plenitude do Espírito. Para êles a expressão “batismo do Espírito Santo”, é sinônimo desta outra expressão “cheios do Espírito.”

Preferimos neste estudo usar a expressão “Batismo do Espírito Santo” no sentido Paulino, isto é, batismo para formar um corpo (I Cor. 12:13 — “Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado a beber de um só Espírito”.)

Preferimos usar a expressão “Plenitude do Espírito”, para facilitar o estudo e por achá-la mais correta, no sentido de tornar-se o crente mais fervoroso em sua vida cristã; mais influenciado e dirigido pelo Espírito.

Já fomos batizados no Espírito, por ocasião de nossa conversão; busquemos agora, em oração contínua a “Plenitude de seu Poder”, para u’a vida vitoriosa, feliz e realizadora.

CAPÍTULO II

A VINDA DO ESPÍRITO SANTO

I — Cumprindo as profecias.

Jesus, antes de subir ao céu, declarou claramente aos discípulos, que a promessa da vinda do Espírito estava para se cumprir naqueles próximos dias, e que êles pois, esperassem por ela. Atos 1:5. “Porque na verdade João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, *não muito depois dêstes dias.*”

Jesus, o dom amorável de Deus, no tempo determinado pela divina providência, veio à terra, pelo milagre da encarnação, nascendo por obra do Espírito, da benedita entre as mulheres, a virgem piedosa de Nazaré, Maria, e assim, fazendo-se homem, pelo santo propósito da Providência.

O Espírito Santo, o dom poderoso de Jesus, vem à terra no tempo determinado, para como substituto de Jesus, permanecer com a Igreja, unindo os homens de tôdas as nações e de todos os povos, numa só pátria — a pátria celestial; e numa só nação — a nação dos eleitos de Deus. Esta vinda foi o batismo. A influência que êle vem exercendo nos corações dos tempos pode ser parcial ou total; quando total é a sua plenitude. A Igreja só é poderosa em obras, quando essa interferência é total. Aqui está a explicação do porquê de muitas Igrejas cheias de contendidas e mortas, onde não há, nem alegria, nem conversões, muito menos, santificação.

No livro dos Atos dos Apóstolos, encontramos o registro da vinda do Espírito e suas manifestações extraordinárias em grupos étnicos e sociais diferentes, para reuni-los num só corpo, o corpo místico de Cristo.

Em Atos 2, nós encontramos o relato dos fatos sobrenaturais que se deram com a vinda do Espírito sôbre os judeus, reunidos em Jerusalém. Foi um dia glorioso, quando os discípulos sentiram que não estavam sós mas que a promessa de Jesus se cumpria e êles tinham a presença do Espírito de poder em seus corações; Espírito que estaria com a Igreja para sempre.

II — O Batismo do Espírito.

O batismo do Espírito deu-se com sua vinda à terra para constituir a Igreja, e orientá-la para sempre. Assim como Jesus veio a terra, e não poderia vir outra vez, enquanto estivesse na terra, o Espírito veio e não pode vir outra vez, pois já veio e aqui está, para dirigir tantos quantos se submeterem à sua influência santificadora e poderosa. Ele aqui permanece para auxiliar a Igreja na realização de sua grande obra. Pena é que muitos crentes estão dormindo, e por isso mesmo não estão recebendo essa influência em tôda a sua plenitude para uma vida altamente proveitosa e vitoriosa. “Desperta, tu que dormes, e levante dentre os mortos e Cristo te esclarecerá.” (Ef. 5:14). “E não vos embriagueis com o vinho em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós em salmos e hinos e cânticos espirituais: cantando e salmodiando ao Senhor em vossos corações, dando sempre graças por tudo a vosso Deus e Pai, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus.” (Ef. 5:18) “E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, *mas enchei-vos do Espírito.*”

Repetimos, a Igreja foi batizada com a vinda do Espírito Santo, e todos os que entram nela pela conversão são nela batizados.

São Paulo afirma textualmente: “pois todos nós *fomos batizados*” em um Espírito, “*formando um corpo*” quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um só Espírito.” I Cor. 12:13.

Que é que diz êste texto?

Primeiro: “Todos nós fomos batizados em um Espírito formando um só corpo.”

Então diz que *“Todos nós fomos batizados.”*

Quem são êstes *“todos nós”* de quem o apóstolo fala? Os crentes de Corinto! Vamos pois ver algumas das qualidades dêsses crentes de Corinto, que eram batizados com o Espírito para formar o corpo

Em I Cor. 1:10, diz que êles eram rixosos e não havia uma humilde aceitação de pontos de vista, um do outro. “Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma cousa, e que não haja entre vós dissensões, antes sejais unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer.”

Em I Cor. 3:1 a 3 encontramos “e eu irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnaís, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei, e não com manjar, porque ainda não podieis, nem tampouco *agora* podeis; porque *ainda* sois carnaís: pois havendo entre vós inveja, contenda e dissensões, não sois porventura carnaís, e não andais segundo os homens?”

No capítulo 5:1 e 2 lemos: “Geralmente se ouve que há entre vós fornicção, e fornicção tal, qual nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai. Estais inchados, e nem ao menos vos entristecestes por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação.”

Por estas passagens que não precisam de comentários, ficamos sabendo que os crentes, que foram batizados, (*“todos nós fomos batizados”*), eram crentes fracos e mundanos, que na verdade tinham o Espírito, mas os seus corações estavam tão insubmissos a Êle que sua influência era diminuta; não tinham ainda provado as excelências da plenitude do Espírito! Eram crentes carnaís!

Mas voltemos ao nosso texto — I Cor. 12:13. “Fomos batizados formando um corpo.”

Então o batismo do Espírito foi realizado para a formação do “corpo de Cristo,” isto é, para a formação da Igreja.”

Todo o indivíduo que entra para êsse corpo — a Igreja — pelo novo nascimento, está conseqüentemente batizado.

Pelo batismo foi criada a raça sobrenatural dos salvos — a Igreja! Pela plenitude, foi-lhe dado poder para suas realizações! Busquemos êsse poder.

Está claro, como já foi dito atrás, que estamos nos referindo àqueles que entram para a Igreja em sinceridade e certeza, recebendo Cristo em seus corações. Nesse sentido a Igreja do Senhor Jesus está onde uma alma, sinceramente arrependida, abandona seus pecados e crendo em Cristo se volta para Deus; e assim é batizada pelo Espírito, isto é, une-se ao corpo de Cristo.

Então está claro, que quem está no corpo, está batizado.

Como pode estar no corpo sem ser batizado?

III — A Unificação dos que Crêem.

Então, como ficou demonstrado, o batismo do Espírito foi para unir todos os que crêem, de tôdas as raças e de tôdas as condições sociais, em uma só família do Senhor Jesus. Nesse sentido o batismo é um sêlo que marca todos os que são incorporados à Cristo. “Mas o que nos confirma convosco em Cristo, e o que nos uniu, é Deus, o qual também nos *selou* e deu o penhor do espírito em nossos corações”. (II Cor. 1:21, 22). “Não enristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais *selados* para o dia da redenção”. (Ef. 4:30)

O dr. Antônio de Almeida assim definiu o Batismo do Espírito: “É um ato da terceira pessoa da trindade, pelo qual quando cremos em Cristo nosso Salvador, somos unidos ao seu corpo místico, tornando-nos participantes de sua vida ressurreta, como o sarmento participa da seiva da videira”.

CAPÍTULO III

MANIFESTAÇÕES DA SUA VINDA

I — Para a formação da Igreja.

Um rápido olhar panorâmico sôbre a Igreja primitiva nos leva a ver em sua formação humana diversos grupos sociais de crenças e raças diferentes. Resumindo podemos dizer que houve várias manifestações do Espírito em grupos heterogêneos para uni-los num só corpo, isto é, numa só Igreja.

Os Judeus, em primeiro lugar, entraram com a maior parcela de convertidos. Foi entre êles que Jesus trabalhou e era natural que em primeiro lugar o maior número de conversões se desse entre os Judeus. Apesar disso, a maioria absoluta dos judeus rejeitou a mensagem salvadora de Jesus, de sorte que entre os *samaritanos*, afins aos judeus e depois entre os *gentios* — estrangeiros — começaram a abrir novas portas e muitos foram salvos.

Assim muitos aceitaram a Cristo pela palavra dos apóstolos. Os conversos vinham de todos os povos e de tôdas as crenças judaicas e pagãs.

Todos iam sendo batizados pela conversão, formando o corpo, mas foi necessário, para que os judeus, tão exclusivistas os aceitassem como irmãos plenos no Senhor, que o Espírito se manifestasse com sinais tangíveis e inequívocos a êles também. E foi o que aconteceu.

Atos Capítulo 2.

Primeiramente houve a manifestação sobrenatural sôbre os judeus, descrita no livro de Atos, no capítulo 2. Depois vem a manifestação sôbre os *samaritanos*, que de há muitos séculos estavam separados dos judeus por bar-

reiras humanamente intransponíveis, e só mesmo por uma manifestação sobrenatural, seriam aceitos na comunhão dos santos para a formação do corpo. Atos 8.

Atos 10 e 11.

Em Atos 10 e 11, encontramos o registro da manifestação do Espírito entre *gentios* — estrangeiros. É claro, e isto veremos logo mais adiante, que se os judeus tivessem grande preconceito em aceitar em sua comunidade os samaritanos, seus parentes, muito mais o teriam em aceitar os gentios (estrangeiros). Foi preciso que o Espírito se manifestasse de maneira mui especial, à semelhança de como se manifestara a êles no princípio, para que os aceitassem na comunidade cristã nascente. “Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre êles, *como também sobre nós no princípio*”. (Atos 11:15)

Atos 19.

Resta-nos uma passagem apenas, Atos 19, que foi uma solução sobrenatural. Havia uma confusão entre os seguidores de João Batista que iam se organizando em uma Igreja à parte da Igreja de Jesus, e os seguidores de Jesus. Agora, porém, pelo batismo, êles foram incorporados definitivamente à Igreja Cristã. “Um só batismo . . . o do Espírito, para formar o corpo.”

Podemos resumir assim as manifestações do Espírito narradas em Atos.

Primeiro: O Batismo Judaico, Atos 2, só Judeus em Jerusalém.

Segundo: O Batismo Samaritano, Atos 8, Judeus e Samaritanos em Samaria.

Terceiro: O Batismo Gentílico, Atos 10, só gentios em Cesaréia.

Quarto: O caso dos seguidores de João Batista. Atos 19.

Vamos agora estudar um a um, êstes quatro relatos dos Atos, para ver que a manifestação sensível do Espírito foi para reunir êstes grupos heterogêneos e separados, em um só grupo — o corpo do Senhor Jesus, a sua Igreja.

II — O Batismo Judaico.

Atos 2:1 a 13. “Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu tôda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre êles, línguas como que de fogo, e pousou uma sôbre cada um dêles. Todos ficaram *cheios* do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, de tôdas as nações debaixo do céu. Quando, pois, se fêz ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. Estavam, pois, atônitos, e se admiravam, dizendo: Vêde! Não são, porventura, galileus todos êsses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna, partos, medos e elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia; da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes; como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus? Todos, atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: Que quer isto dizer? Outros porém, zombando, diziam: Estão embriagados!

Neste texto temos um registro notável do Pentecostes judaico.

Pentecostes, para os judeus significava uma festa, por ocasião da ceifa, justamente cinqüenta dias depois da páscoa.

Por ocasião da primeira festa de Pentecostes, depois da morte de Jesus, isto é, cinqüenta dias depois da páscoa, que Jesus presidiu com os seus discípulos; *dez dias* depois de sua ascensão deu-se a vinda definitiva do Espírito para ficar com a Igreja.” E eu rogarei ao Pai, e **Ele** vos dará outro consolador, a fim de que esteja para

sempre convosco”. (João 14:18). Pode-se dizer que a Igreja nasceu nesse dia.

Por êste motivo, isto é, por ter sido o batismo do Espírito no dia da festa pentecostal, passou para os cristãos o termo “pentecostes” com um novo sentido: “o batismo do Espírito”, ou a “plenitude do Espírito.”

É certo pois dizermos que a comunidade Cristã nasceu no pentecostes; pois foi aí que ela foi unida para a formação da Igreja, e hoje, pelo arrependimento e fé, as almas a ela se agregam.

1 — *Um pouco de História.*

As festas judáicas tinham uma significação típica com respeito a Nosso Senhor Jesus, como por exemplo:

a) *A festa da páscoa* — significava a imolação do cordeiro pelos pecados dos homens, e Cristo, nosso Salvador, exatamente na hora em que devia ser imolado o cordeiro sem mácula pelos pecados dos homens, foi imolado por nós, — cordeiro imaculado, — na sexta-feira. “Pois também Cristo nosso Cordeiro Pascal foi imolado.” (I Cor. 5:7)

b) *A festa das primícias* — Ocorria imediatamente após a páscoa, no primeiro dia da semana, e se caracterizava pelo oferecimento dos primeiros produtos da terra, as primeiras hastes de trigo. Nesse glorioso dia, Cristo, nossa Esperança, se levantou dos mortos — “Ele é as primícias dos que dormem.” (I Cor. 15:20 a 23)

c) *A festa do Pentecostes* — Era a festa das primícias dos pães, Lev. 23:17, quando o trigo já colhido e preparado no moinho era aproveitado para os primeiros pães.

2 — *Um acontecimento notável.*

Nesse dia Cristo, nossa vitória, nos envia o seu Santo Espírito, para estar com a Igreja, fortalecê-la e sustentá-la.

Voltemos, porém, ao Atos 2.

Aqui está um grupo de crentes *esperando* uma promessa especial, clara e definida feita a êles. "... vós sereis batizados com o Espírito Santo não muito depois destes dias." (Atos 1:5) Podemos pois dizer que esta foi uma situação única na história, tanto pela promessa como pelos fatos que se sucederam.

Volte o prezado leitor ao capítulo 2 dos Atos e leia os primeiros treze versículos. É interessante conhecermos bem esta passagem, pois quando chegarmos ao estudo dos dons do Espírito ela nos vai auxiliar.

Este fato como o foi descrito aqui não se repetiu em nenhuma outra parte.

Os discípulos estavam todos em Jerusalém, em oração, esperando a promessa de Jesus, que uma semana antes tinha partido para os céus. Então num momento, ouviu-se um som como que de um vento veemente e impetuoso. Línguas como que de fogo repousavam sôbre cada um dos discípulos. Todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar línguas estrangeiras.

Como todos se admirassem de que sendo Galileus pudessem falar em outras línguas Pedro, tomando a palavra, explicou o que estava acontecendo. Disse que era a profecia de Joel que se cumpria e o Espírito era vindo, e com essa introdução passou a fazer um poderoso sermão apresentando Jesus crucificado, como um poder para salvar, e mais de três mil almas se converteram naquele dia.

Vamos, para melhor compreensão, resumir os versículos que estamos estudando, assim:

1 — Chegado o domingo de pentecostes, v. 1.

2 — Todos estavam reunidos num mesmo lugar, v. 1.

3 — De repente, sem que *ninguém esperasse*, veio um som veemente. 2.

4 — Foram vistas sôbre êles línguas *como que de fogo*. V.3.

5 — Foram cheios do Espírito. V. 4.

6 — Começaram a falar *outras línguas*, v. 4. conforme o Espírito lhes permitia.

3 — *Um pouco sôbre línguas.*

Temos particular interêsse em estudar o dom de línguas. Como êle aparece aqui, vamos tecer sôbre êle algumas considerações, a fim de irmos nos preparando para o entender e o compreender melhor quando estudarmos o capítulo X, onde mais particularmente trataremos do assunto.

Que outras línguas estavam falando os discípulos?

Eram línguas estranhas no sentido de serem desconhecidas? Ou eram línguas conhecidas, mas estrangeiras, isto é, de outros povos? O texto não diz que eram línguas desconhecidas, mas que eram *outras línguas*.

Que é língua?

Eduardo Carlos Pereira, nosso maior gramático, assim a define: “Língua é um sistema natural de palavras de que se servem os agrupamentos de homens para entre si comunicarem os seus pensamentos.”

Portanto, língua é a expressão do pensamento por meio de palavras. Em outras palavras, língua é um meio de comunicar idéias. Cada povo, devido a fatôres que não vem ao caso estudar aqui, tem o seu meio de comunicação, a sua língua.

As línguas que nós sabemos manejar não nos são estranhas; as línguas que nós não conhecemos são para nós línguas estranhas. Estranhas para nós, mas conhecidas de outros. Sempre, porém, “são línguas”.

Aqui o texto diz que começaram a falar em *outras línguas*. Que outras línguas? Outras línguas estranhas para êles, porém, conhecidas por aquêles que os ouviam. Não se trata pois de uma língua incompreensível pois caso fôsse assim, lògicamente deixaria de ser língua, pois língua é um sistema natural de comunicação de idéias e pensamentos.

Outras línguas aqui se refere a outras línguas que não eram comumente conhecidas dos Galileus que estavam falando mas que as eram dos ouvintes segundo a sua nacionalidade. Tanto assim que o escritor de Atos

enumera mais de uma dezena delas ali presentes pelos seus representantes, das mais distantes terras, e que atraídos pelo barulho, vieram e ouviram em suas próprias línguas e se admiravam com grande espanto pelo que viam e ouviam. E foram êles, os ouvintes que descobriram que os discípulos estavam falando outras línguas.

Os judeus foram pois nesse dia memorável batizados no Espírito formando a Igreja; a Igreja Cristã começa ali a sua organização em comunidade sob a direção espiritual do substituto de Jesus, o Espírito de verdade, que o mundo não vê porque não o conhece, mas que é uma realidade segura na vida de cada crente fiel.

III — O Batismo Samaritano.

Atos 8:4 a 25. “Entrementes os que foram dispersos iam por tôda a parte pregando a palavra. Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo. As multidões atendiam unânimes às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo também os sinais que êle operava. Pois os espíritos imundos de muitos possessos saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos foram curados. E houve grande alegria naquele dia. Ora, havia um certo homem chamado Simão, que ali praticava a mágica, iludindo o povo de Samaria insinuando ser um grande vulto; ao qual todos davam ouvidos do menor ao maior, dizendo: Êste homem é o poder de Deus, chamado o Grande Poder. Aderiam a êle porque de há muito os iludira com mágicas.

Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim como homens e mulheres. O próprio Simão abraçou a fé; e, tendo sido batizado, acompanhava a Filipe de perto, observando extasiado os sinais e grandes milagres praticados. Ouvindo os apóstolos que estavam em Jerusalém, que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João; os quais, descendo para lá, oraram por êles para

que recebessem o Espírito Santo; portanto, não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em nome do Senhor Jesus. Então lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo. Vendo, porém, Simão, que, pelo fato de imporem os apóstolos as mãos, era concedido o Espírito, ofereceu-lhes dinheiro, propondo: “Concedei-me também a mim este poder, para que aquêle sobre quem eu impuser as mãos, receba o Espírito Santo. Pedro, porém, lhe respondeu: “o teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir por meio dêle o dom de Deus. Arrepende-te, pois, da tua maldade, e roga ao Senhor; talvez que te seja perdoado o intento do coração; pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniquidade”. Respondendo, porém, Simão lhe pediu: “Rogai vós por mim ao Senhor, para que nada do que disseste sobrevenha a mim”. Eles, porém, havendo testificado e falado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém, e evangelizavam muitas aldeias dos samaritanos”.

Resumindo, Filipe descera a Samaria e anunciava ali o Evangelho, com manifestação de poder pela sua palavra, e pelas curas que fazia em nome de Jesus.

Havia ali naquele lugar um mágico chamado Simão, que de há muito iludia o povo que o tinha em conta de um grande personagem, cujo epíteto era o “Grande Poder.”.

O povo, porém, ouvindo a verdade anunciada por Filipe, abandonou a Simão, e era batizado, tanto homens como mulheres. O que é mais notável é que o próprio Simão abraçou a fé, sendo dali por diante um companheiro assíduo e entusiasta de Filipe, observador atento das curas e dos milagres que eram feitos por sua instrumentalidade.

Em Jerusalém, os apóstolos receberam notícias dêsse trabalho, e resolveram enviar para Samaria Pedro e João a fim de que orassem pelos samaritanos, de modo que sobre eles também se manifestasse o Espírito Santo para confirmá-los no corpo de Cristo, perante os olhos da comunidade cristã judaica, o que de fato aconteceu.

Simão vendo a operação do Espírito pelas mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro para que êle também recebesse êsse poder. Pedro porém exorta-o pelo seu êrro, e apela para que sem demora se arrependa a fim de ser perdoado.

Êsse foi o fato. Vamos fazer algumas observações sôbre êle.

Primeira: Depois da conversão de três mil almas, em Jerusalém, no grande dia do Pentecostes, *oito anos* se passaram sem que o evangelho fôsse pregado fora, nem mesmo para os samaritanos, ali tão perto! Se a sua Bíblia tiver um mapa no fim, você pode ver, atencioso leitor, que a região dos samaritanos fica mesmo encaixada dentro da Palestina. Isso quer dizer que os judeus, para viajarem do norte para o sul de sua pátria ou vice-versa, teriam que forçosamente passar por Samaria. Apesar de tôda essa facilidade de acesso êles só oito anos depois da grande experiência do Pentecostes é que foram evangelizá-la, e ainda não pelo trabalho de um presbítero, de um apóstolo, mas pela consagração de um diácono que a Igreja elegeu para servir, mas que Deus elegeu para profetizar.

Por João 4:9 ficamos sabendo que os judeus não se davam com os samaritanos, e isto explica o motivo dessa demora em ir levar-lhes a palavra.

Segunda: Os apóstolos, portanto, o Conselho, tendo tomado conhecimento daquele novo movimento religioso em Samaria, enviaram para lá Pedro e João para orarem pelos novos convertidos a fim de que também recebessem o Espírito. Êles ainda estavam de certo modo presos àquela idéia sectarista e separatista dos judeus, e só mesmo por manifestação sensível é que admitiriam a entrada de Samaritanos e gentios para a comunidade e isto aconteceu.

Cabe aqui a palavra autorizada de James H. MacConkey sôbre êste ponto: “Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.” Atos 2:38.

“É claro de muitas passagens da Bíblia que o batismo, nesta condição, é uma ordenança que se administra ao pecador sob a condição de fé em Cristo, e, dêste modo, o Senhor ensinou mediante Pedro a importante verdade que as duas grandes condições para se receber o Espírito Santo são o Arrependimento e a Fé em Cristo para a Remissão dos Pecados. Não se exige mais. Arrependei-vos dos vossos pecados, crêde no Senhor Jesus para a vossa remissão, sêde batizados, e receberéis o dom do Espírito. Há duas coisas para nós fazermos e, depois, uma para Deus. Recebereis, diz Êste, se as fizerdes. A promessa é absoluta. O homem não tem direito de introduzir outra condição entre “arrependei e crêde” e “recebereis” uma vez que Deus mesmo não o faz. Os céus passariam antes que Deus deixasse de cumprir a sua promessa “e receberéis”, se qualquer alma se arrepender e crer honestamente em Jesus Cristo para a remissão dos seus pecados.”

“O ensino de Paulo é igual em tudo ao de Pedro sôbre o grande assunto que discutimos. Sabemos que as condições indicadas por Pedro para o recebimento do Espírito são simplesmente estas: Arrependimento e fé no Senhor Jesus Cristo para a remissão de pecados. Só há necessidade destas duas, salientando-se que ambas são essenciais. Uma só era insuficiente. Os homens devem arrepender-se e crer. O simples fato de um homem se arrepender dos seus pecados sem a fé em Cristo para a remissão dêstes, não trará o dom do Espírito, porque falta nisso uma das condições essenciais. Ninguém, fazendo tentativas para crer no Senhor Jesus Cristo, sem se arrepender dos pecados, poderá receber o Espírito, pela mesma razão.”

“Esta verdade que promana da Palavra de Deus tem a sua confirmação na evidência fornecida por um sem número de pessoas. Esta se resume no fato que só há duas condições essenciais, o arrependimento e a fé, para se receber o dom do Espírito Santo, e que o único motivo pelo qual alguém deixa de o receber é que ainda não

se arrependeu ou não crê em Jesus Cristo para a remissão dos seus pecados”.

Sabemos então que duas são as condições de se receber o Espírito: o arrependimento e a fé. Quando êsses dois elementos se completaram nos samaritanos, da pregação de Pedro e João, então foram batizados pelo Espírito.

Os samaritanos, pelo menos no caso de Simão, tinham fé em Jesus, mas faltava-lhes o arrependimento. Desde que pela fé que já possuíam, e pelo arrependimento que obtiveram pela palavra de João e Pedro, se converteram, foram batizados pelo Espírito.

Assim foram os samaritanos incorporados à Igreja, juntamente com os Judeus. “Foram batizados formando um corpo”. (I Cor. 12:13)

IV — O Batismo Gentílico.

1 — A incorporação dos gentios.

A doutrina da paternidade universal de Deus tinha sérias restrições entre o povo judeus, pois êste se considerava raça superior e única privilegiada diante do Pai. Os estrangeiros que se convertiam ao judaísmo, não participavam totalmente de todos os atos e lugares de culto, pois só mesmo um judeu puro, podia ter a alegria de gozar de todos os privilégios da religião.

Jesus profetizara que sua palavra se estenderia por tôdas as partes do mundo; pois seus discípulos seriam testemunhas entre tôdas as gentes, a começar pelos judeus, samaritanos e gentios.

“Mas recebereis poder, ao descer sôbre vós o Espírito Santo e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em tôda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra”. Atos 1:8

Daí a inevitável pregação também aos gentios, não pela vontade humana da Igreja nascente, de judeus-samaritanos, recém-unidos; mas pela imposição coercitiva

do Espírito sôbre seus mensageiros, para pregarem mesmo onde não o desejassem.

Foi o que aconteceu a Pedro e a pregação frutífera que fêz em Cesaréia, para gentios, na casa de Cornélio.

É o que vamos ver, estudando em Atos, capítulo 10 e 11 até o verso 18, abaixo transcrito.

Atos 10.

“Morava em Cesaréia um homem de nome Cornélio, centurião da fôrça, chamada italiana. Piedoso e temente a Deus com tôda a sua casa, e que fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus. Êsse homem observou claramente durante uma visão, cêrca da hora nona do dia, um anjo de Deus que se aproximou dêle e lhe disse: Cornélio! Êste, fixando nele os olhos, e possuído de temor, perguntou: Que é Senhor? E o anjo lhe disse: As tuas orações e as tuas esmolas subiram para memória diante de Deus. Agora envia mensageiros a Jope, e manda chamar Simão, que tem por sobrenome Pedro. Êle está hospedado com Simão, o curtidor, cuja residência está situada à beira-mar. Logo que se retirou o anjo que lhe falava, chamou dois dos seus domésticos e um soldado piedoso dos que estavam ao seu serviço. E, havendo-lhes contado tudo, enviou-os a Jope. No dia seguinte, indo êles de caminho e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao eirado, por volta da hora sexta, a fim de orar. Estando com fome, quis comer; mas, enquanto lhe preparavam a comida, sobreveio-lhe um êxtase; então viu o céu aberto e descendo um vaso como se fôsse um grande lençol, o qual era baixado à terra, pelas quatro pontas, contendo tôda sorte de quadrúpedes, répteis da terra, e aves do céu. E ouviu-se uma voz que se dirigia a êle: Levanta-te, Pedro; mata e come. Mas Pedro replicou: De modo nenhum, Senhor, porque jamais comi cousa alguma comum e imunda. Segunda vez a voz lhe falou: Ao que Deus purificou não consideres comum. Sucedeu isso por três vêzes e logo aquêle vaso foi recolhido ao céu. Enquanto Pedro estava perplexo sôbre qual seria o significado da visão, eis que os homens enviados da parte de Cornélio, tendo pergun-

tado pela casa de Simão, pararam junto à porta; e, chamando, indagavam se estava ali hospedado Simão, por sobrenome Pedro. Enquanto meditava Pedro acêrca da visão, disse-lhe o Espírito: Estão aí dois homens que te procuram; levanta-te, pois, desce e vai com êles nada duvidando; porque eu os enviei. E descendo Pedro para junto dos homens, disse: aqui me tendes, sou eu a quem buscais? a que viestes? Então disseram: o centurião Cornélio, homem reto e temente a Deus, e tendo bom testemunho de tôda a nação judáica, foi instruído por um santo anjo, para chamar-te à sua casa e ouvir as tuas palavras. Pedro, pois, convidando-os a entrar, hospedou-os. No dia seguinte levantou-se e partiu com êles; também alguns irmãos dos que habitavam em Jope foram na sua companhia. No dia imediato entrou em Cesaréia; Cornélio estava esperando por êles tendo reunido seus parentes e amigos íntimos. E aconteceu que, indo Pedro a entrar, lhe saiu Cornélio ao encontro e, prostrando-se-lhe aos pés, o adorou. Mas Pedro o levantou, dizendo: Ergue-te, que eu também sou homem. Falando com êle, entrou, encontrando muitos reunidos ali. A quem se dirigiu, dizendo: Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a um estrangeiro; mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo; por isso, uma vez chamado, vim sem vacilar. Portanto, pois, por que razão me mandaste chamar? Respondeu-lhe Cornélio: Faz hoje quatro dias que, por volta desta hora estava eu observando em minha casa a hora nona de oração, e eis que se apresentou diante de mim um varão de vestes resplandecentes, e disse: Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas lembradas na presença de Deus. Envia, pois a Jope e manda chamar Simão, por sobrenome Pedro; acha-se hospedado em casa de Simão, o curtidor, à beira-mar. Portanto, sem demora, mandei-te chamar e fizeste bem em vir. Agora, pois estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor. Então falou Pedro, dizendo: Reconheço por

verdade que Deus não faz acepção de pessoas: pelo contrário, em qualquer nação aquêle que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável. Esta é a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo. Êste é o Senhor de todos, vós conheceis a palavra que se divulgou por tôda a Judéia, tendo começado desde a Galiléia, depois do batismo que João pregou. Como Deus ungiu a Jesus Nazareno com o Espírito Santo e poder, o qual andou por tôda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com êle; e nós somos testemunhas de tudo o que êle fêz na terra dos judeus e em Jerusalém; ao qual também tiraram a vida, pendurando-o no madeiro. A êste ressuscitou Deus no terceiro dia, e concedeu que fôsse manifesto, não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus, isto é, a nós que comemos e bebemos com Êle, depois que ressurgiu dentre os mortos; e nos mandou pregar ao povo e testificar que êle é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos. Dêle todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo o que nêle, crê, recebe remissão de pecados. Ainda Pedro falava estas cousas quando caiu o Espírito Santo sôbre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se porque também sôbre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo; pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus. Então perguntou Pedro: Porventura pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados êstes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo? E ordenou que fôsses batizados em nome de Jesus Cristo. Então lhe pediram que permanecesse com êles por alguns dias.

Aos 11:1 a 18.

Chegou ao conhecimento dos apóstolos e dos irmãos que estavam na Judéia que também os gentios haviam recebido a palavra de Deus. Quando Pedro subiu a Jerusalém, os que eram da circuncisão o argüiam, dizendo: Entraste em casa de homens incircuncisos, e co-

meste com êles. Então Pedro passou a fazer-lhes uma exposição por ordem dizendo: Eu estava na cidade de Jope orando e, num êxtase, tive uma visão em que via descer um vaso como se fôsse um grande lençol baixado do céu pelas quatro pontas, e vindo até perto de mim. E, fitando para dentro dêle os olhos, vi quadrúpedes da terra, feras, répteis, e aves do céu. Ouvi também uma voz que me dizia: Levanta-te, Pedro: mata e come. Ao que respondi: De nenhum modo, Senhor; porque jamais entrou em minha bôca qualquer cousa comum ou imunda. Segunda vez falou a voz do céu: Ao que Deus purificou não consideres comum. Isto sucedeu por três vêzes, e de novo tudo se recolheu para o céu. E eis que na mesma hora pararam junto da casa em que estávamos, três homens enviados de Cesaréia para se encontrarem comigo. Então o Espírito me disse que eu fôsse com êles, sem hesitar. Foram comigo também êstes seis irmãos; e entramos na casa daquele homem. E êle nos contou como vira o anjo em pé em sua casa, e que lhe dissera: Envia a Jope e manda chamar Simão, por sobrenome Pedro. O qual te dirá palavras mediante as quais serás salvo, tu e tôda a tua casa. Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sôbre êles, como também sôbre nós no princípio. Então me lembrei da palavra do Senhor, como disse: João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo. Pois se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus? E, ouvindo êles estas cousas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para a vida.”

Observando...

Lucas, quem é que escreveu o Livro de Atos, no capítulo 10 começou a narrar os fatos sobrenaturais que se passavam com um certo homem de posição na côrte italiana onde era centurião, chamado Cornélio.

Antes de entrarmos no estudo pròpriamente do capítulo acima vamos fazer algumas observações que nos auxiliarão a entender melhor o problema.

Primeira — Vale a pena repetirmos. Era necessária uma grande prova, que convencesse a Igreja nascente, a aceitar os estrangeiros — gentios — à comunidade cristã.

Pois a idéia exclusivista, já arraigada no espírito judeu o inibia de compreender a possibilidade de gentios virem fazer parte com êle numa mesma comunidade. Isto era impossível para êles.

Segunda — Vamos estudar os capítulos 10 e parte do 11, para vermos o seguinte:

a) Pedro só pregou a gentios, por causa de uma revelação especial, embora Jesus pessoalmente e reiteradas vêzes tivesse comissionado os discípulos a irem pregar até aos confins da terra. Até então, êles não obedeceram essa ordem revolucionária de Jesus.

b) Pedro só batizou o gentio Cornélio, porque sôbre êle desceu o Espírito Santo com sinais semelhantes aos narrados em Atos 2. “Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sôbre eles, *como também sôbre nós no princípio.*”

c) Apesar disso — da visão sobrenatural e da descida do Espírito — êle teve de prestar contas de seu ato e justificar-se com testemunhas perante a Igreja em Jerusalém. Atos 11:1-18.

d) Essa descida sobrenatural sôbre gentios possibilitou a sua união com a Igreja, pois as manifestações sensíveis e idênticas, comprovaram sobejamente aos judeus cristãos, que os gentios também passariam a pertencer, quando crêssem, ao corpo de Cristo.

e) Por aqui vemos que o batismo foi igual a Atos 2 “*como a nós*”. E que o acontecido em Atos 2 não se repetiu na experiência dos discípulos. Pois foi só “*no princípio.*” Vamos pois, agora, ao estudo do texto

2 — *Na casa de Cornélio.*

Tomemos conhecimento com o centurião Cornélio: Quem era êle? o que fazia? onde morava? quais eram as qualidades de seu caráter?

Cornélio era um oficial do exército romano, onde ocupava o alto pôsto de centurião, e nessa altura residia com sua família na cidade de Cesaréia, junto ao mar. Cesaréia, uma bela cidade construída por Herodes em honra a Augusto, era o caminho natural entre gentios e judeus — uma porta que se abria para novas oportunidades de evangelismo, o caminho para Roma, e portanto, para o mundo.

Diz-nos o texto que Cornélio era um homem piedoso, temente a Deus, com tôda a sua casa, auxiliador e um homem de oração. 10:2.

Certo dia, enquanto Cornélio orava, as três horas da tarde teve uma visão. Um anjo de Deus se aproximou dêle e lhe disse que suas orações tinham sido ouvidas. Êle devia enviar mensageiros a Jope, cidade marítima da Judéia, ao Sul de Cesaréia, a fim de trazer de lá a Pedro, então hóspede de Simão, o curtidor, que residia na rua Direita.

Cornélio logo chamou dois servos e um soldado, homens de confiança a quem contou a sua visão e os enviou a Pedro. E êles partiram para Jope.

3 — *Na casa de Pedro.*

Aconteceu que, no dia seguinte ao meio-dia, Pedro, na casa onde estava hospedado, subiu ao terraço para orar, enquanto esperava o almoço. Nessa hora êle teve uma visão. Do céu aberto descia como um lençol, contendo tôda a sorte de quadrúpedes, répteis da terra e aves dos céus. Nesta hora ouviu uma voz que lhe dizia “mata e come”. A ordem era contrária à tôda sua crença, desde a infância aprendida; pois ali no seu entender havia animais imundos, isto é, animais que um

judeu não podia nem tocar, quanto mais comer. Por isso Pedro objetou dizendo: “De nenhum modo, Senhor, porque jamais comi cousa alguma comum ou imunda”. (10:14)

Três vêzes se lhe repetiu a visão. Êle meditava sôbre ela enquanto que os homens da parte de Cornélio chegavam para procurá-lo. É bem possível que se não fôsse essa visão, êle não atendesse ao chamado de Cornélio, por se tratar de um gentio.

Mas o Espírito foi além, e lhe revelou claramente que três homens o procuravam e que com êle devia ir sem temor, pois eram antes de tudo seus mensageiros. E êles lhe contaram a visão de Cornélio, e no dia seguinte Pedro desceu com êles.

4 — *Pedro visita Cornélio.*

Pedro, os que vieram da parte de Cornélio e mais seis irmãos partiram para Cesaréia. (Atos 10:23 e 11:12) Quando chegaram, já Cornélio os esperava, tendo reunido seus amigos e parentes (Atos 10:24), e vendo a Pedro, a quem o amigo tinha mandado chamar ajoelhou-se diante de tão grande personagem, portadora de uma mensagem que o anjo não a teve! Maravilhas do amor de Deus! Êle nos usa para o trabalho da pregação! Pedro, porém, não o permitiu dizendo-lhe: “Ergue-te que eu também sou homem” (10:26).

Apesar de tudo Pedro ainda tinha certa prevenção contra os gentios, tanto assim que disse: “Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se de um estrangeiro” (10:28). Só depois mudou de opinião, v. 34, “reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas”.

Pedro começa então a pregar sôbre o seguinte tema: “*Jesus Cristo é Senhor de todos*”. E enquanto falava manifestou-se o Espírito Santo sôbre todos os que ouviram a palavra, v. 44, o que causou grande admiração

a Pedro e seus companheiros. O Espírito, porém, manifestou-se de tal maneira que Pedro chegou à seguinte conclusão: êles deveriam ser batizados, v. 47, pois do mesmo modo que os judeus receberam o Espírito no Pentecostes, os gentios também O recebiam agora, v. 47 — cap. 11:15 e 17.

Para Pedro e seus companheiros providencialmente trazidos até aí, não havia mais dúvidas! Os estrangeiros também podiam fazer parte da Igreja. O Espírito demonstrara de maneira clara e inequívoca, que êles foram também batizados e passavam a fazer parte do corpo. Fomos batizados formando um corpo... (I Cor. 12:13)

5 — *Justificação perante a Igreja.*

Parece-nos lógico que não haveria da parte da Igreja, oposição quanto a aceitação dos gentios em sua comunidade, pois a salvação é para todos, e Jesus mandara que se pregasse até aos confins da terra. No entanto não foi assim. Pedro teve que defender-se em Jerusalém, por causa da visita a Cornélio, e dos atos religiosos que ali praticou.

No cap. 11:2, diz que êle foi argüido, e do verso 3 em diante encontramos a sua defesa pela exposição dos fatos; sua visão, a visão de Cornélio; a manifestação sensível do Espírito, o resultado natural e lógico — o batismo.

O argumento de Pedro pode ser resumido assim:

Desceu sôbre êles o Espírito, como a nós, no *princípio*. 11:15, 17.

Se Deus os batizou com o Espírito, por que eu não os poderia batizar com água? A explicação foi satisfatória, e o mesmo Espírito que unia os gentios aos judeus e samaritanos, abria-lhes os corações a fim de que os gentios também fôssem a êles agregados numa só Igreja. “Foram batizados formando um corpo”.

V — João Batista e Jesus.

João Batista, o notável precursor, aquela voz clamante no deserto, bem afirmara que sua missão se findava com Jesus. Importava que êle, uma simples voz, desaparecesse e Êle, Jesus, crescesse mais e mais aos olhos dos homens.

E multidões se prepararam com João para mais tarde ouvirem e aceitarem a pregação de Jesus e de seus apóstolos. Mas, muitos dos ouvintes de João não tiveram o privilégio de ouvir a Jesus. Outros só muito depois é que tomaram conhecimento de sua vida salvadora e de seu Espírito vivificante.

Este é o caso narrado em Atos 19 e que passaremos a estudar agora. Mesmo inconscientemente ia se formando duas Igrejas: duas correntes de idéias, que deviam ser uma só. Os discípulos de João e os discípulos de Jesus.

Atos 19:1 a 7. “Aconteceu que, estando Apolo em Corinto, Paulo, tendo passado pelas regiões mais altas, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos, perguntou-lhes: Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crêstes? Ao que lhe responderam: Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo. Então Paulo perguntou: Que batismo, pois, recebestes? Responderam: O batismo de João Disse-lhes Paulo: João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cressem naquele que vinha depois dêle a saber, em Jesus. Eles, tendo ouvido isto, foram batizados em o nome do Senhor Jesus. E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sôbre êles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam. Eram ao todo uns doze homens.”

Que diz o texto?

Paulo chegando em Éfeso encontrou ali alguns crentes que se tinham convertido com a pregação de João e ainda não tinham ouvido nem de Jesus nem de seu Espírito. Foi-lhes então explicado que êles eram batizados no batismo do *arrependimento*, mas que não criam em Jesus. Como poderiam crer se nunca ouviram falar nêle?

Paulo então pregou-lhes a Cristo, e êles já arrependidos creram, completando-se nêles as duas condições para receberem o Espírito — arrependimento e fé, e então foram batizados em nome do Senhor Jesus, e assim para sempre foram unidos à Igreja pelo batismo.

McConkey assim discorre sôbre êste texto: “Tendo ido a Éfeso, Paulo achou certos discípulos, a quem se dirigiu, dizendo-lhes, não como já vimos antes: “Recebestes o Espírito Santo *após* crederdes?” mas “recebestes o Espírito Santo *quando* crestes?” Paulo esperava que êles o tivessem recebido, no momento em que abandonaram os seus pecados. Recebendo resposta negativa, êle imediatamente se pôs a investigar da causa e o fêz *segundo as condições estabelecidas por Pedro e já citadas*. “Em que, pois, sois batizados?” lhes perguntou Paulo. Responderam êles: “No batismo de João”. Retorquiou o mesmo: “Não sabeis que João batizou só para o arrependimento? Todavia, êste não basta para vos outorgar o dom do Espírito: também importa crederdes em Jesus Cristo”.

E, ouvindo isto, creram em Jesus, e, batizados em *seu nome, receberam o Espírito Santo*. Não eram crentes como nós. Eram crentes do velho e não do novo pacto. Estavam classificados entre os conversos de João, que não receberam e nem podiam receber o dom do Espírito, porque tinham cumprido sòmente uma condição: o *arrependimento*. Longe de serem crentes como nós e, chamados para provar que os crentes devem receber o Espírito Santo como segunda experiência após a conversão, êstes homens, como ficou estabelecido com tôda a clareza, não tinham crido em Jesus até essa data. Paulo supriu tão simplesmente a condição que faltava para serem salvos, de acôrdo com o Novo Testamento, anunciando-lhes a “fé em Jesus.” Êles permaneciam no lugar em que, hoje, se coloca o pecador honestamente arrependido dos seus pecados, mas que ainda não recebeu a instrução da fé em Cristo para a remissão dos pecados. Isto serviu de embaraço à vinda do Espírito e ainda serve para os nossos dias.

O contexto bíblico, dizendo-nos exatamente como isto sucedeu, também parece determinar para sempre esta passagem controversa. Depara-se no capítulo precedente, uma explicação que torna o referido episódio tão claro como a luz meridiana. Diz o versículo 24: “E chegou a Éfeso um certo judeu, por nome Apolo... “fervente de espírito, falava e ensinava diligentemente as coisas do Senhor, *sabendo somente o batismo de João*, isto é, só o batismo do arrependimento (cap. 19:4). Quando Áquila e Priscila ouviram este homem poderoso nas Escrituras do Velho Testamento, sem todavia conhecer completamente o plano de Deus para a salvação, “o tomaram consigo e lhe declararam *mais pontualmente* o caminho de Deus” (verso 26), ensinando-lhe indubitavelmente a fé em Cristo para a remissão dos pecados.

Então Apolo vai a Corinto, e Paulo, vindo a Éfeso, acha alguns homens mal instruídos pelo primeiro, e que ainda não tinham recebido o Espírito Santo. Por quê? Simplesmente porque não criam em Jesus Cristo. Sim, eram crentes no sentido em que o eram os discípulos, tendo arrependimento para com Deus, mas não tendo fé em Nosso Senhor Jesus Cristo. Paulo, portanto, lhes propõe o plano de Salvação do novo pacto — arrependimento e fé — e eles recebem o Espírito Santo não como a segunda experiência de crentes maduros, mas como a experiência primeira de quem não tinha de forma alguma crido em Jesus Cristo, como *nós* cremos. Em vez de provar que o cristão não recebe o dom do Espírito simultaneamente com a sua conversão, mas como outro derramamento do mesmo, esta passagem é uma das provas mais fortes da Palavra de Deus, de que os apóstolos admitiam que os homens tinham o Espírito Santo por ocasião da sua conversão, e, se não fôsse recebido, imediatamente, passavam a demonstrar que tinha sido negligenciada uma das duas simples condições do novo pacto de redenção, no momento, de se declararem discípulos.

6 — *Concluindo.*

Êstes fatos extraordinários na Igreja nascente vem demonstrar algumas verdades.

Primeira — Só Judeus

Segunda — Judeus e Samaritanos

Terceira — Só gentios

Quarta — Judeus e Gentios

Todos têm o Espírito Santo.

Efésios 4:5... “um só batismo...” O batismo do Espírito.

Depois disso, como já vimos, a vinda do Espírito é tratada como um fato passado na experiência da Igreja, pois veio e permanece até agora com a Igreja. Aleluia!

E quando alguém o recebe hoje, pelo seu toque admirável e misterioso, pode sentir, e muitas vezes sente, o gozo inefável de sua presença; a deliciosa sensação de bem-estar e segurança, num mundo de desassossêgo e incerteza.

O Espírito Santo é também para nossos dias! Vidas sem significação e apagadas, têm sido revigoradas com o seu toque sobrenatural. Dons para edificação da Igreja são distribuídos, e onde os crentes estão cheios do Espírito, aí há vida, harmonia, trabalho e gozo.

Isso é assunto para o próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

A PLENITUDE DO ESPÍRITO

I — Cheios do Espírito Santo.

Primeiramente queremos enumerar as passagens que usam essa expressão “*cheios do Espírito*”, e assim já teremos meio caminho andado para explicá-la.

1 — Atos 2:4

“Todos ficaram cheios do Espírito Santo.”

Esta passagem se refere aos judeus que estavam em Jerusalém, no célebre dia de Pentecoste, e naturalmente aos discípulos também.

2 — Atos 4:8

“Então Pedro, cheio do Espírito Santo...”

3 — Atos 4:31

“Todos ficaram cheios do Espírito Santo.”

Aqui se trata de crentes dos quais já se disse que foram cheios do Espírito anteriormente, em Atos 2:4.

4 — Atos 6:3

“Cheios do Espírito Santo e sabedoria.”

Esta passagem se refere aos primeiros diáconos da Igreja.

5 — Atos 7:55

“Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo...”

Esta passagem se refere a Estêvão, quando fitava os olhos nos céus e via a glória de Deus.

6 — Atos 9:17

“... Que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo.

Esta passagem se refere a Paulo, após a sua conversão no caminho de Damasco, para onde ia a fim de perseguir os cristãos.

7 — Atos 11:24

“Porque era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé.”

Esta passagem se refere a Barnabé.

8 — Efésios 5:18

“Não vos embriagueis com vinho em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito.”

II — Explicando a expressão.

Convém repetir aqui o que já se disse atrás. Muitas pessoas traduzem essa expressão, “*cheios do Espírito*”, por batismo do Espírito. A plenitude do Espírito não deixa mesmo de ser um batismo no sentido de imergir, de ser envolvido completamente; mas êsse modo de falar têm trazido muita incompreensão da doutrina a ponto de não poucos mal informados, arrogando para si o direito de ensinar, sem a devida base doutrinária, virem pregando o êrro, na afirmação que pode haver muitos batismos do Espírito; e se arvorando em juizes da Igreja, para afirmar levemente que os crentes não são batizados com o Espírito. Veja o leitor o capítulo I, parte VI.

Êsses tais se esquecem da clara recomendação de Jesus “Não julgueis”; pois quem julga se coloca acima dos demais, e acima dos homens, só Deus. Satanás quis ser não acima, mas igual a Deus e por isso foi condenado.

O trabalho do Espírito Santo em Jesus, operou-se em duas épocas:

a) seu nascimento.

b) sua plenitude, quando foi batizado por João; e Êle é um perfeito exemplo do trabalho do Espírito Santo no homem.

Também os discípulos que já eram nascidos do Espírito, e já o tinham recebido, “E (Jesus) havendo dito isto, soprou sobre êles, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo”; no memorável dia do Pentecoste, foram cheios do Espírito Santo. Atos 2:4. Êles receberam um poder que não possuíam antes, e foram comissionados para um trabalho maior. Na Igreja de Samaria, como já vi-

mos, o mesmo aconteceu. Crentes salvos pela pregação de Filipe, foram confirmados pela imposição das mãos dos apóstolos, e ficaram cheios do Espírito Santo.

O nascimento do Espírito em nós se dá por ocasião de nossa regeneração e conversão. O Espírito nos comunica a sua natureza e transforma a nossa personalidade. É o novo nascimento. Passamos a possuir a nova natureza.

Na plenitude do Espírito, Ele toma conta inteiramente do nosso coração, aniquila o homem velho e nos ensina a vontade de Deus, fortalecendo-nos e dando-nos poder para o trabalho.

O novo nascimento nos comissiona à salvação; a plenitude ao trabalho. Pelo novo nascimento nascemos no reino de Deus; pela plenitude recebemos um trabalho no Reino.

Pelo novo nascimento passamos a receber tudo do reino; pela plenitude passamos a dar alguma coisa para o Reino. O primeiro é a infância que só recebe. O segundo é a maturidade que oferece de si alguma coisa aos outros.

O novo nascimento nos traz a Cristo. A plenitude nos faz levar outros a Cristo. No novo nascimento começamos a viver a vida espiritual. Na plenitude começamos o trabalho espiritual.

Num, despertamo-nos para a vida. Noutro, nos capacitamos para algum trabalho, recebendo os dons do Espírito.

Falando sobre o segrêdo da plenitude do Espírito McConkey assim se expressa: "Que é então o segrêdo da sua *plenitude*, da vida e paz, do seu poder e amor abundantes, uma vez admitidos o recebimento do Espírito Santo, o seu batismo e a sua permanência em nós para sempre? Respondemos: A sujeição incondicional, absoluta da nossa vida ao Senhor para que, em vez da nossa, seja feita a vontade d'Ele. *Assim, quando abandonamos os nossos pecados e cremos, recebemos o Espírito Santo; quando fazemos renúncia de nossas vidas e cremos, nós nos enchemos do Espírito Santo. O recebimen-*

to do Espírito é a resposta de Deus ao arrependimento e à fé; a plenitude do Espírito é a resposta de Deus à nossa submissão e fé. O Espírito vem a nós com a conversão; no ato de submissão, o Espírito que já nos veio, se assenhoreia de nós. A suprema condição humana da plenitude do Espírito é uma vida de inteira sujeição a Deus para fazermos a sua vontade.”

Segundo o nosso entendimento, as núvens que têm estado a tapar o rútilo clarão desta grande verdade em nossa alma se desvanecerá perante os olhos de quem examinar cuidadosamente a importante verdade bíblica e experimental da dupla natureza do crente. Notai, primeiro, a situação do pecador. É só uma a sua natureza: a do “homem velho”. Diz-se que êle está absolutamente morto em delitos e pecados. Possui em si a sua própria vida e não a que vem de Deus. Anda na carne, e nela só. O Espírito pode lutar e efetivamente luta *com êle* sem estar *nêle*, pois o Espírito só se encontra naquele “que é de Cristo”. Observe-se, agora, maravilhosa mudança. Êle se arrepende dos seus pecados e crê no Senhor Jesus Cristo. Que sucedeu? *Nasceu de novo, de cima, de Deus, do Espírito.* E que significam estas frases? Simplesmente que está nêle uma nova vida, divina. Deus mesmo, na pessoa do Espírito Santo, veio residir nêle: recebeu o Espírito Santo.

Êle possui agora o que o pecador não tem: *uma nova natureza.* Mas não se foi a velha natureza, o “homem velho”, quando penetrou a vida nova, o Espírito? Dizemos pezarosamente que não. Se nos deixasse, *o recebimento do Espírito Santo queria dizer então estar cheio d'Êle de uma vez para sempre, pois havia de possuir-nos completamente.* Isto, porém, não se dá. A velha natureza não sai, quando entra a nova, sendo mui claras sôbre isto a Palavra de Deus e a nossa própria experiência. Agora, tem o pecador como que uma dupla natureza, na qualidade de crente. Existem nêle “o Espírito” e a “carne”, a vida nova e antiga, que são coexistentes. Ambas *residem* nêle. Inimigos mortais, cada qual luta para dominá-lo. “A carne deseja contra o Espírito e

êste contra a carne”, desejando uma e outra não só estar *nêle*, mas também *possuí-la completamente*.

Mudou-se o problema. Não é mais como êle poderá receber o Espírito. Isto é questão vencida, porque já o *recebeu*. Acha-o, porém, residindo *em comum* com a carne. Por conseguinte, o ponto agora é saber como êle *ficará cheio de um dêles*, uma vez que tem duas naturezas em si. Como pode ter ciência da plenitude e vida abundante do Espírito e se livrar da vida e do poder da carne? Parece simples a resposta. Como poderia êle encher-se de um ou de outro a não ser por uma inteira sujeição *àquilo de que êle deseja tornar-se repleto*? Êle tem a faculdade de escolha: pode propender para uma ou para outra. Não é claro que o tornará *repleto à vida a que êle se inclinar*? Não estava êle “*cheio de tôda a iniquidade* (Rom. 1:29), quando se tornou um servo da carne? (Rom. 6:19). Não se tornará, da mesma forma, cheio do Espírito Santo, sujeitando-se a êste? (Rom. 6:19). É como si uma aura suave penetrasse numa casa com dez quartos cheios de um odor nauseabundo. Deixai-a percorrer um dêles, permanecendo os restantes fechados e entregues à mesma atmosfera velha e fétida.

O ar puro entrou efetivamente, mas como poderá *invadir* a casa tôda, si não a deixardes completamente à mercê dêle?

J. B. Lawrence escreve: “A palavra plenitude é de grande alcance. Significa que o Espírito penetra, com sua presença gloriosa, em todo o nosso amor, todo o nosso pensamento, tôda a nossa imaginação, tôdas as nossas ações e palavras. Desde que o Espírito Santo é o poder da vida do crente, cercando-o ao mesmo tempo que penetra em sua natureza, deverá ser essa atmosfera em que êle vive. Como uma inundação enche completamente um rio, como um bêbado se embriaga com o vinho quando bebe demais, assim o apóstolo queria que os seus leitores se embriagassem do Espírito dando-lhe tôda a sua pessoa.”

Sem dúvida alguma tem havido muita confusão com respeito a essa expressão e muitas pessoas a têm

tomado como o batismo do Espírito que é outra cousa muito diferente. Eu, mesmo, em inúmeras conversas com crentes, tenho observado como a confusão é grande nesse terreno. Só pode encher-se do Espírito aquêlê que já o tem; portanto o que já está unido à Igreja e lógicamente já está batizado. (I Cor. 12:13 (Cap. I parte IV))

Será que a expressão “cheio do Espírito” significa um novo batismo? De modo nenhum. É fácil constatar no Atos e cartas subseqüentes que, muitos já batizados, ficaram em certas épocas muito depois do batismo cheios do Espírito. E é às pessoas já batizadas que S. Paulo se dirige concitando-as a serem cheias do Espírito.

O que acontece é o seguinte: Sendo batizado, portanto, tendo o crente o Espírito no coração pode estar mais cheio ou menos cheio da influência d'Ele.

Vamos supor que um bom pai exerça boa influência sôbre seus filhos. A influência emanada do pai para os filhos é uma só para todos. No entanto, os filhos não sofrem a mesma influência. Uns são mais influenciados e outros menos. Por que acontece assim? Isto é devido a submissão maior ou menor do filho.

Expliquemos Se o filho é dócil à influência paterna sendo-lhe submisso inteiramente, aceitando a sua palavra e conselhos como bons e dignos de serem ouvidos e praticados, então essa plena sujeição do filho ao pai o capacita a receber uma grande influência do pai, uma influência plena. O filho estará nesse caso cheio do espírito do pai.

Vamos imaginar uma situação oposta. O filho é rebelde à influência paterna, considerando-o um intruso em sua vida, e não lhe sendo submisso. Não aceita espontâneamente a sua influência total. Então acontece que o filho não está cheio do espírito do pai. Ele tem uma certa influência, ele pertence àquela família, mas a influência não é plena e não produz frutos.

Assim acontece com o Espírito de Deus em nossos corações. Sua influência é maior ou menor Não que

êle queira influenciar mais a uns do que a outros, não. A influência boa, salutar e santificadora do Espírito está sôbre todos os que crêem, é sempre a mesma, mas ela é maior ou menor dependendo única e exclusivamente de nós.

Os crentes dóceis à sua influência, prontos a ouvir-lhe a voz, e aceitar incondicionalmente os seus conselhos, sabendo que vêm de Deus, estão recebendo uma grande influência do Espírito, e quando essa influência fôr total, ocupando todo o nosso ser, chegamos a êste estado admirável de gôzo, alegria e vida; estamos plenos é "A plenitude do Espírito", "Estamos cheios do Espírito".

Que seja esta a nossa oração.

Hino 501 dos Salmos e Hinos.

MAIS DE CRISTO

Mais de Cristo eu quero ser,
Mais do seu Espírito quero ter,
Mais da sua compaixão.
Mais da sua mansidão.

Mais, mais de Cristo!
Mais, mais de Cristo!
Mais do teu puro e santo amor,
Mais de ti mesmo, ó Salvador!

Mais de Cristo quero aprender,
Quero a Cristo obedecer.
Sempre perto d'Ele andar.
Seu amor manifestar.

CAPÍTULO V

A PLENITUDE DO ESPÍRITO — (continuação).

Por outro lado, se o crente fecha o seu coração à salutar influência do Espírito, tendo em seu coração o domínio do pecado e em seu corpo o domínio do vício, então êle não está recebendo as bênçãos admiráveis da plenitude do Espírito.

I — Ilustrando . . .

Concluimos, pois, que um agente pessoal, (exemplo do pai) para usar um outro agente pessoal (exemplo do filho), torna-se necessário que um se submeta ao outro. Em outras palavras, para que o pai exerça uma influência sôbre o filho, é preciso que o filho se submeta à influência do pai. Submeter-se à influência total do Espírito é o grande segrêdo de nosso crescimento espiritual e do crescimento da Igreja.

Vamos tomar mais duas ilustrações:

Coloquemos vários copos sôbre a mesa, e em cada um, uma certa quantidade de água, desde algumas gotas no primeiro, até o transbordar no último. Todos os copos têm água. Um está cheio, os outros não estão.

Todos os que crêem tem o Espírito. Uns o tem em sua plenitude. Estão cheios! Muitas vêzes, transbordando em bênçãos espirituais.

Um pintor quis representar essa influência do Espírito e seu resultado nos corações. Êle pintou um pequeno regato que se estreita numa bica, sob a qual colocou vários vasos em diferentes posições. Um estava caído quase para fora d'água de modo que apenas recebia algumas gotículas do precioso líquido, outro estava

caído para o lado que a água corria, e por isso recebia apenas no seu bôjo um têrço da água do que podia receber. Outro estava caído com a bôca para o lado corrente de modo que estava quase cheio. Um outro, porém, estava pôsto bem embaixo da bica e recebia tanta água que transbordava para os demais, nunca se esvaziando.

Aí está uma figura, que bem ilustra a situação espiritual de muitas Igrejas onde o Espírito é para todos derramado da mesma maneira, onde porém, nem todos o recebem do mesmo modo.

Como tem o prezado leitor recebido em sua vida a influência do Espírito? Imagine, quando tôda a Igreja estiver transbordando, o que aconteceria na vida de sua cidade!

O rev. Bonnell, um dos grandes pregadores da atualidade quando visitou S. Paulo, contou, em uma de suas pregações, a sua experiência de pregador da palavra. Vamos resumi-la aqui.

Assim que êle se formara, foi tomar conta de uma Igreja, e o foi com muita alegria. Acontece porém, que os resultados não lhe foram mui favoráveis, pois não tinha o prazer de ver conversões com o seu trabalho. O desânimo bateu-lhe à porta e êle chegou a conversar com sua mãe, dizendo-lhe que ia deixar o ministério. Não se sentia com fôrças para continuar o trabalho, pois os seus sermões não eram tão bons como êle queria que os fôssem. Sua mãe orou com êle e pediu-lhe que fôsse conversar com um pastor mais velho. Foi e contou ao pastor que não estava contente com os seus próprios sermões, pois não lhe pareciam que eram bem feitos, e nem belos que pudessem agradar o auditório.

O pastor disse-lhe que orasse mais: antes, durante e depois do sermão e que lêsse muito a Bíblia. Êle voltou mais animado e seguiu os conselhos do velho pastor, mas, em vão. Os resultados eram sempre os mesmos e êle não estava alegre com os sermões que fazia.

Voltou então a falar com sua velha mãe e disse que, evidentemente não tinha vocação e por isso iria definitivamente deixar o ministério. Estava fracassado!

A mãe, piedosa, que sempre orava por êle, pediu-lhe que não abandonasse o seu glorioso trabalho. Que fôsse conversar com seu velho pastor. Êle com relutância aquiesceu e foi.

Abriu-se com o seu pastor e disse-lhe franca e sinceramente.

— Sou um fracassado! Nada mais posso fazer. Já cheguei à conclusão que devo abandonar o ministério. Não consigo ver resultados em conversões com o meu trabalho. Estou fracassado.

O velho pastor sorriu com o pessimismo do jovem pastor, e para sua perplexidade disse-lhe: — “Estou contente com isso.”

— ! ?

— Sim, estou contente. Pois agora sei que você deu o primeiro passo para a frente. Agora você já perdeu tôda a confiança em si mesmo, pode passar a confiar em outra pessoa. Agora você está preparado para confiar no Espírito, e deixar que êle faça o trabalho.

O rev. Bonnell terminou — “Até agora ainda não me agradei dos sermões que prego, mas me entreguei a Deus para Êle fazer em mim o seu trabalho, e o resultado é que Deus me tem dado a alegria de ver centenas de pessoas se decidindo com as minhas pregações.”

Deus quer instrumentos, vazios de egoísmos, absolutamente dóceis à influência benfazeja de seu Espírito, para nêles trabalhar pela salvação dos homens.

Milhares de crentes, cheios do Espírito Santo, têm provado essa realidade gloriosa e cheia de gozo.

As ilustrações são imperfeitas para falar da obra admirável do Espírito nos corações a Êle submissos. Êle não é mera influência, mas uma pessoa divinal que, com o crente, batalha contra o pecado, dando-lhe vigor e faz dêle uma vida plena e vitoriosa.

Essa vida é para você, nobre leitor, se arrependido, crer em Jesus e submisso entregar-se ao Seu Espírito.

II — Uma palavra final.

Cabem aqui, as palavras do conhecido evangelista de nossos dias, Billy Graham: “Antes do Pentecostes Deus não vivia no homem como hoje. Êle usou homens para algumas tarefas específicas, mas através do Espírito que habitou no homem no Pentecostes a experiência foi algo inteiramente novo e nunca visto. Cristo prometera aos seus seguidores mandar-lhes outro Consolador, na pessoa do Espírito Santo.

O pequeno grupo que creu na sua promessa, reuniu-se no cenáculo, em oração, súplica e em expectativa. Repentinamente os céus produziram um som como de um vento impetuoso. Êle encheu tôda a casa onde estavam, e apareceu-lhes o fogo, e todos foram cheios do Espírito Santo. Assim, Deus, o Espírito Santo, de acôrdo com a promessa de Jesus, veio para habitar com os seus seguidores. Não mais o fogo de Deus era uma teoria para ser examinada ou uma visão para ser recebida. Era uma viva experiência. Já não era mais um “Deus acima de nós” ou “o Deus conosco”, mas “o Deus em nós”. (Capítulo XI parte III)

Tememos que nos tenhamos distanciados da realidade do primeiro Pentecostes. Muitos discípulos modernos limitam o assunto do Pentecostes aos primeiros discípulos. O fogo de Deus não é por isso, menos real hoje. A necessidade do Espírito Santo não é menos aguda hoje do que o foi então. Os recursos de Deus não são menos abundantes agora do que o foram então.”

Acertadamente diz Thomaz Paul Simmons: “O crente tem tudo do Espírito, mas o Espírito comumente não tem tudo do crente.”

Sua presença é expansiva. Êle enche tudo do crente do que estiver vazio de egoísmo e pecado. Assim a exortação para encher-se do Espírito é uma exortação de completa rendição para êle. Quanto mais nos esvaziamos de nós mesmos, dÊle nos enchemos e maior será a manifestação do seu poder em nossas vidas.”

Curvemo-nos diante do Espírito Santo de Deus e ouçamos a sua voz, e uma nova vida de vitória e de glôzo brotará dentro de nós. Quando o espírito dominar completamente o nobre coração de meu amável leitor, um trabalho inesperadamente grandioso vai começar para a glória do nome de Deus. Quando o Espírito dominar totalmente a vida de cada crente, vai haver uma bênção tal, de grandeza espiritual para edificação da Igreja e salvação de milhares, que nós mal podemos vislumbrar. Quando o Espírito dominar completamente a vida dos pastôres, presbíteros, diáconos e líderes do trabalho, há de acontecer cousas tão gloriosas, que jamais pensamos!

Que a nossa vida sincera e submissa, seja cheia do Espírito, para glória de Deus e salvação de almas!

Então não será o “*nosso*” trabalho o fator de sucesso. Então não será o “*nosso*” dinheiro o fator de progresso. Então não será a “*nossa palavra*” o fator de conversões. Então nós nos diminuiremos, desapareceremos, submeter-nos-emos e Ele trabalhará em nós, e Ele operará em nós; e converterá as almas por nós; e nós nos esvaziaremos do egoísmo e a terra se encherá da sua glória como as águas cobrem o mar.

J. E. Orr, em seu livro “Plena submissão”, termina seu capítulo sôbre o assunto com estas iluminadas palavras: “Nos quarenta anos de experiências selvagens, entre 1908 e 1948, de fome espiritual predominante, o ensino de que a plenitude do Espírito Santo fôra sòmente para a era apostólica alcançou grande popularidade, embora sem nenhuma base escriturária ou histórica. No século XIX, Charles G. Dwigh Finney, Dwight L. Moody, William Booth, Hudson Taylor e uma legião de grandes líderes, receberam a plenitude do Espírito Santo.

No século XX tem havido e ainda há grandes testemunhos de experiência pessoal da posse do Espírito Santo, como Evan Roberts, Rueben Torrey, Wilbur Chapman, A. B. Simpson, Lionel Fletcher e outros. No campo missionário, em tôda parte em que se tenha manifestado

algum despertamento espiritual, se verificaram casos evidentes da ação do Espírito Santo. Os melhores e mais servisais cristãos que conheço, são homens que testificaram em suas vidas uma experiência mui profunda da plenitude do Espírito Santo.

Contudo, nesses quarenta anos de declínio espiritual, a doutrina da posse do Espírito Santo sofreu não só o resultado da negligência e da contradição, como, também, o efeito do ensino e da atuação de fanáticos. No fim do período de reavivamento do século XIX, ou seja, mais precisamente, desde o despertamento religioso da Gália, em 1904, até o reavivamento coreano, em 1907, surgiu uma corrente religiosa que deu grande ênfase à obra do Espírito, e que se transformou depois no movimento pentecostal, cuja contribuição para a obra evangélica está sendo tomada mais a sério, atualmente. As Igrejas decadentes rejeitaram, via de regra, a ênfase pentecostal, expulsando e perseguindo os seus adeptos; rejeitados pelas Igrejas, os pentecostes foram entregues a si mesmos, desenvolvendo-se entre alguns um fanatismo extremado, que lançou o descrédito sobre os outros. O pentecostismo medrou entre as classes menos educadas, à semelhança do metodismo, um século antes; mas, conquanto muitos homens de escol se identificassem com os líderes dos pentecostais, não houve entre eles uma grande autoridade, como João Wesley, para, pela sua visão e tirocínio, salvar o movimento das mãos dos seus amigos. Atualmente, com a contra-maré, parece que a confissão pentecostal está sendo mais e mais dirigida por homens moderados, e, conseqüentemente, as barreiras entre a minoria pentecostal e a maioria não pentecostal estão sendo reduzidas, graças não somente ao declínio do fanatismo entre aqueles que se denominaram pentecostais, como também ao crescente interêsse na plena posse do Espírito Santo, com poder e dons, e frutos no serviço, que se vêm acentuando graças ao despertamento evangélico, em curso, na América, como também em muitas outras partes e em todos os ramos históricos do protestantismo.

CAPÍTULO VI

A PLENITUDE DO ESPÍRITO NA VIDA CRISTÃ

O Rev. Andrew Murray apresenta com simplicidade os sete passos na aquisição dessa bênção.

1 — Há tal bênção para receber.

2 — É para mim.

3 — Não a tenho.

4 — Estou ansioso por tê-la.

5 — Estou pronto a abandonar tudo que vem em conflito com ela.

6 — Agora entrego-me completamente a Deus Pai que a receba.

7 — Pela fé recebo-a agora.

I — Introdução

A plenitude do Espírito, é um novo poder dado ao crente para a vida e para o serviço do Reino. A vida de Jesus traz-nos uma clara demonstração dessa verdade.

Nascido do Espírito, filho de Deus, tanto quanto filho do homem, viveu trinta pacíficos anos em Nazaré, como filho obediente, trabalhando com seu pai e vivendo uma vida sem mancha, porém ainda não fazendo o seu trabalho messiânico.

Ao ser batizado por João no Jordão, recebeu a plenitude do Espírito, e só então começou a sua brilhante carreira como Messias e Salvador do mundo.

Ainda hoje, há muitos seguidores de Jesus, que só o seguem em sua vida de Nazaré, mas ainda não o estão seguindo em sua vida messiânica de poder e salvação. Pessoas que indubitavelmente são nascidas do Espírito, e fazem parte do corpo místico de Jesus, e que com seu

auxílio estão procurando viver diàriamente uma vida correta, mas ainda não receberam a plenitude do Espí-rito, e por isso ainda não encontraram um trabalho dentro do Reino de Deus.

O alvo de todos que são nascidos do Espí-rito é êsse — atingir a sua plenitude, para uma vida de serviço e vitoriosa.

Um diácono me perguntou sinceramente: “Rev., o senhor acha que existe hoje, pessoas que são cheias do Espí-rito e tem os seus dons? Isso deve ser uma cousa admirável. Eu confesso sinceramente que os não possúo.

— Sim, irmão, respondi-lhe. Muitos hoje gozam de sua plenitude e manifestam, em suas vidas o seu belo fruto. É necessário que um a um, todos da Igreja que ainda não a possuem, sintam essa necessidade e em orações constantes e fervorosas peçam-na a Deus, que a todos dá liberalmente.

Deus tem hoje um grande trabalho para a Igreja. Quando estamos cheios do Espí-rito, Êle nos revela qual o trabalho que temos a fazer no seu Reino. Buscar pois a plenitude do Espí-rito é hoje uma urgente necessidade, a fim de que a obra não pereça, e os dons sejam revelados na edificação da Igreja de Deus.

Lembremo-nos que o Espí-rito é Soberano. E no exercício de sua soberania Êle pode dar serviço, mesmo a quem não seja convertido. Há homens que resistem a sua vinda, para a salvação, mas que são usados pelo seu poder para um trabalho benéfico. Isto é um mistério da soberania divina, e da liberdade humana, que nós não podemos entender; Deus usa até os atos maus dos homens, para encaminhá-los a fins bons e imprevistos.

Assim como havia Balaão no Velho Testamento, assim também encontramos agora, êsses que pregam o evangelho “por contenda” aos outros; ainda que êles mesmos se percam. Está claro que não desejamos o poder do Espí-rito em tais condições.

Assim também no exercício dessa mesma soberania Êle pode vir sôbre crentes que não o esperam, nem desejam um trabalho no reino. Tal tem sido sôbre alguns

dos mais poderosos líderes da Igreja desde os primeiros dias até agora.

Mas isto não deve ser a parte dos verdadeiros servos: esperar sem procurar. Pelo contrário, o verdadeiro servo procura se preparar para receber a missão e bem desempenhar o seu trabalho.

Nisto temos ainda o exemplo incomparável de Jesus. Se **Êle** recebeu o Espírito sem medidas, se habitava n^oEle em tôda a sua plenitude e poder, isto era porque como “filho do homem” vivia a vida divina — a vida do Espírito. Procuremos viver a Sua vida; e recebamos o Espírito em Sua medida, isto é, abundantemente.

Há algumas condições pelas quais expressamos nossa submissão a **Êle**, e nos fazemos dóceis em suas mãos para a execução de sua vontade.

II — A Primeira é a Fé.

Pela fé nós obtemos a posição de filhos de Deus e, portanto, estamos aptos a receber as suas promessas.

A Bíblia diz que nós somos salvos pela fé em Cristo. Cristo fêz o sacrifício, nós apenas devemos ter fé, que **êle** o fêz por nós.

Ora, quando a Bíblia nos faz promessas devemos crer que essas promessas serão cumpridas. Por exemplo: Pedro, falando à multidão disse: “Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados e recebereis o dom do Espírito.” (Atos 2:38)

Se nós desejamos receber o Espírito, sejamos primeiramente humildes. Coloquemo-nos na posição daqueles judeus a quem Pedro ofereceu primeiro o Espírito Santo. Procuremos imaginar que nós somos tão culpados quanto **êles** da morte do Senhor da Glória, e que a única esperança nossa está na misericórdia de Deus, selada no dom de Cristo, em quem obtemos perdão.

Imaginemos a segurança que temos em saber que todos os nossos pecados são queimados por **Êle**, e que não há agora condenação para nós, por que nós esta-

mos n'Ele, e que para completar o seu trabalho em nós, Ele o maior dom nos dará os outros dons.

Há, irmão, para nós uma promessa gloriosa! Deus quer completar em nós o seu trabalho dando-nos o dom da plenitude do Espírito. Quando nós desejamos obter êsse dom de poder e serviço espiritual, devemos mesmo voltar à origem de nossa fé, repousar sôbre ela, e dela procurar descobrir e tomar parte de cada bênção que Deus nos tem prometido.

A base na qual podemos esperar receber a plenitude do Espírito e outras bênçãos é a fé. Deus promete nos dar. Nós temos que crer. Leiamos a Bíblia para descobrirmos o que Deus nos promete dar, e creiamos em sua palavra certos que receberemos as cousas que Ele nos promete dar. Ele é verdadeiro! Ele cumpre!

III — A segunda é a obediência.

Devemos fazer a vontade de Deus em nossa vida diariamente. Isto é importante. Nosso Senhor estabeleceu esta condição aos discípulos quando lhes fêz a promessa do Espírito: “Se me amais *guardareis os meus mandamentos*. E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro consolador, a fim de que esteja sempre convosco.” (João 14:15 e 16)

É para quem guarda os mandamentos do Senhor, a sua oração ao Pai, a fim de que recebam o Espírito da Verdade, para sempre.

E são êsses filhos obedientes que, por sua vez, são atendidos em suas orações. “Amados, *se o coração não nos acusar*: a) temos confiança diante de Deus; b) e aquilo que pedirmos, d'Ele recebemos; c) porque guardamos o seu mandamento; d) e fazemos diante d'Ele o que lhe é agradável.” (João: 3-22)

Notemos aqui três cousas:

1 — Origem da confiança em Deus — Coração limpo.

2 — Condição de receber o que se pede — obediência e serviço.

3 — Resultado da crença em Jesus — O Amor aos irmãos.

Os que são desobedientes, descuidados, e indiferentes não podem esperar que Deus lhes dê o seu dom indivisível. Isto é uma consequência de condições prévias.

Se houver verdadeira fé, haverá verdadeira obediência também. A nossa crença sincera nos leva ao esforço de viver uma vida de acôrdo com aquêle em que cremos.

Jesus mesmo completou essa condição antes de receber a plenitude do Espírito. Uma prova a êsse respeito, nós a temos na cena da visita ao templo, quando êle tinha doze anos. Ali, demonstrou um conhecimento da verdade que o capacitava a tomar lugar entre os rabinos.

Suas palavras — “não sabíeis que eu devia estar na casa de meu Pai” — revelam a sua consciência da divina filiação, que o que devia ter feito desejar não estar preso nas malhas das relações terrenas, mas Êle retornou a Nazaré, sendo sujeito aos seus pais por mais de dezoito anos! (Lucas 2)

Apesar de poder falar em público para usar em benefício dos outros os dons e sabedoria que possuía, preferiu continuar quietamente cumprindo todos os deveres de filho, à espera do dia quando o Pai o chamaria para o seu trabalho público. Embora Êle fôsse um filho mais instruído que os seus pais, Êle obedecia. Quantos exemplos em todos os passos da vida de Jesus para nós hoje!

E sua obediência não parava aí. Quando entrou para seu ministério, foi ao rio Jordão para ser batizado por João. Que necessidade haveria d'Êle fazer isso? João mesmo objetava-lhe: “Eu é que tenho de ser batizado por ti e vens tu a mim?” Sua resposta foi: “Deixa isso por agora; pois me convém cumprir tôda a justiça.”

Assim Jesus obedeceu tudo o que a respeito d'Êle estava escrito cumprindo cada jota e cada til da lei, e

inteiramente submisso em obediência recebeu a plenitude do Espírito.

Que belo exemplo para nós!

Não é necessário refletirmos mais, para ver que a obediência é a grande lei moral de Deus.

O espírito de obediência é então condição para se receber a plenitude do Espírito. Não somente obediência à lei moral, mas obediência a todos os mandamentos do Senhor.

Jesus instituindo a Ceia deu êste mandamento: "Fazei isto em memória de mim." Há então um mandamento geral de não abandonarmos a nossa congregação e todos os meios de graça com os quais nós nos preparamos para servi-lo.

Os que negligenciam êsses meios, que abandonam a assembléia dos discípulos, que negligenciam na comemoração de sua morte, não estão preparados para receber a plenitude do Espírito.

É verdade que Deus tem escolhido homens de grande poder espiritual, os quais tem sido um meio de produzir um avivamento, separado dos meios ordinários da graça. Isto tem acontecido porque muitas vêzes as Igrejas têm-se tornado a um espírito de formalismo exterior, impedindo a atuação vivificante do Espírito. Não podemos traçar caminhos pelos quais o Espírito deva andar. É falso o caminho de aceitarmos o Espírito só através da nossa liturgia e de *nosso* gosto pessoal. Através de *nosso* modo de pregar e cantar e apenas através dos instrumentos que gostamos.

O Espírito é soberano. Age *onde, quando e como quer*, independente de *nosso* gosto e muitas vêzes contra êle. Não foi por obra do gosto artístico que Jesus subiu à Cruz, mas pelo caminho sacrificial da obediência.

Algumas vêzes as almas mais ardentes tem se saporado das Igrejas e começado um evangelismo direto, e isto tem sido o resultado da obediência a uma lei mais alta do que a praxe eclesiástica e quando isso tem acontecido por um verdadeiro trabalho do Espí-

rito, uma nova comunidade surge para observar os mandamentos do Senhor, ou um novo espírito reforma a Igreja fria e materializada, numa Igreja espiritual e vivificadora, onde as vidas são arrebatadas pelo gôzo do Espírito e as almas salvas pelo poder da palavra.

Mas muitos têm procurado observar as ordenanças de Cristo, e obedecer às suas leis e não tem recebido a plenitude do Espírito. Isto porque alguma condição está faltando.

IV — Esta condição é a oração.

Oração é uma das condições para se receber a plenitude do Espírito. Jesus disse: “Se vós que sois maus, sabeis dar boas cousas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a *todos* os que lho pedirem. (Luc. 11:13)

É possível que a plenitude possa ser dada a pessoas que não orarem por ela. Pode ser que uma pessoa receba, porém uma Igreja inteira nunca receberá a plenitude do Espírito, se ela tôda não estiver orando para isso.

Jesus mesmo não foi uma exceção a esta regra. Lucas registrando êsse acontecimento em Sua vida disse: “Jesus, tendo sido batizado e *orando*, o céu abriu-se e o Espírito Santo desceu em forma de pomba sôbre Êle.” (Lucas 3:21 e 22)

Entre o tempo que separou a ascensão do Senhor e a vinda do Espírito, encontramos os discípulos em contínua oração a Deus, à espera dêsse poder que veio rugindo, como tempestade sôbre êles.

Depois lemos que quando êles subiram ao cenáculo para oração, ficaram cheios do Espírito. Não precisamos viver naqueles dias para sabermos que a oração é um meio apontado por Deus para se receber a plenitude do Espírito.

Vejamos de passagem, algumas características dessa oração.

Primeiramente deve ser uma oração unânime.

O Espírito Santo, é um espírito de amor, pois Deus é amor. De amor por tôda a humanidade. Temos provado êsse amor quando nascemos para a nova vida, pela regeneração e conversão, e devemos conservá-lo principalmente pela oração secreta, e no serviço da Igreja. É o amor que acalenta o nosso coração e se transforma numa fôrça benfazeja em nossa vida.

Mas nós temos que viver também para os outros e a plenitude do Espírito nos capacita para isso. Devemos procurá-la juntamente com tôda a Igreja, para que a Igreja tôda seja uma fonte de poder.

Não é necessário que haja uma grande reunião. Duas pessoas são suficientes para se começar um grande avivamento. “Se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer cousa que pedirem, isto lhes será feito por meu pai que está nos céus.” (Mat. 18:19) E êsses dois quando pedirem a plenitude do Espírito não devem pedir só para si, mas para a Igreja tôda.

A História da Igreja está cheia de admiráveis registros de dons do Espírito dadas em resposta às orações unidas do povo de Deus.

A oração deve ser insistente.

Não é sòmente ir à meia-noite a um amigo para pedir-lhe alguma cousa. Mas ir e pedir-lhe, e ficar insistindo até receber.

Sempre que a Igreja tem orado de contínuo, as bênçãos têm vindo. Algumas vêzes repentina e impetuosamente como no Pentecostes; algumas vêzes gradual e mansamente.

Concluindo: Fé, Obediência e Oração, são três condições pelas quais nos preparamos para receber a plenitude do Espírito. Conquanto saibamos que êle é um Espírito soberano e age independente de condições, devemos lembrar também da promessa de Deus para recebê-lo por êsses caminhos.

O desejo da Igreja em sentir um avivamento às vêzes se manifesta no trabalho de arrumar um conhecido e poderoso avivalista. Isto porém pode levar a Igreja a pensar exclusivamente na instrumentalidade humana,

esquecendo-se que o Espírito Santo é independente de qualquer agente, e pode abençoar qualquer pessoa que a êle se tenha submetido.

Muitos avivamentos têm havido, sem se salientar qualquer nome individual, mas manifesto na operosidade de tôda uma Igreja ou mesmo de tôda uma geração.

A Igreja parece que ainda não viu como um todo a lição dêsses evangelistas. Na diversidade de dons está o trabalho para todos, quer sejam evangelistas, professores, pastôres, bem como visitantes e auxiliadores.

Parece que a Igreja tem feito uma boa previsão para pastôres, descuidando de selecionar e preparar os membros com outros dons. Ainda é tempo de termos ambiente propício para o desenvolvimento de todos os dons. Ninguém deve estar parado! Todos, pelo Espírito, desempenhando o seu trabalho !

Isto acontece quando todos têm o fruto de Espírito.

Vejamos pois, no capítulo seguinte, qual é o fruto do Espírito.

CAPÍTULO VII

O FRUTO DO ESPÍRITO

I — Qual é o fruto do Espírito?

Vamos inicialmente ver qual é o fruto do Espírito. Passaremos depois a ver quem tem o fruto, seu efeito na conduta cristã, e sua relação com os dons do Espírito.

Abramos as nossas Bíblias em Gálatas 5:22:

“Mas o fruto do Espírito é: Caridade (amor), gôzo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.”

Ainda podemos ler em Efésios 5:9 o seguinte:

“Porque o fruto do Espírito está em tôda a bondade, e justiça, e verdade.”

1 — *O fruto em nós: em nossos sentimentos.*

AMOR — disposição geral interna.

GÔZO — resultado do amor divino.

PAZ — serenidade íntima.

2 — *O fruto em nossas atitudes para com os homens.*

LONGANIMIDADE — paciência no sofrimento.

BENIGNIDADE — disposição bondosa.

BONDADE — caridade.

3 — *O fruto em nossas tendências instintivas.*

FIDELIDADE — absoluta confiança.

MANSIDÃO — humilde submissão.

TEMPERANÇA — domínio próprio, disciplina.

Sem dúvida alguma, essas duas passagens bíblicas são mui claras.

Elas nos falam da vida cristã plena, construtiva e feliz.

Cada planta segundo a sua espécie, produz o seu fruto. Assim a alma batizada pelo Espírito, recebe a boa semente do evangelho e esta semente abençoada vai então produzir o bom fruto: o fruto do Espírito.

Convido o prezado leitor a tomar bem nota dêste ponto importante. Ele é esquecido por muitos, e nós vamos nos lembrar dêle para compreendermos melhor o assunto. Vamos pois repeti-lo em outras palavras.

Jesus disse textualmente no sermão da montanha:

“Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, tôda árvore boa produz bons frutos, e tôda árvore má, produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos nem a árvore má dar frutos bons.” (Mateus 7:17 e 18)

Então a árvore sempre produz os seus frutos próprios.

É próprio de quem possui o Espírito produzir o fruto do Espírito.

II — Quem apresenta o fruto do Espírito?

Todos os que são crentes. Isto é, todos os que pela fé e arrependimento entraram para a Igreja de Cristo, portanto, todos que O recebem, têm o fruto.

Por aí é muitíssimo fácil saber quem tem o Espírito e quem não o tem. “Por seus frutos os conhecereis.”

A figueira, deve produzir figos, a laranjeira deve produzir laranjas; o Espírito deve produzir bondade, justiça, verdade...

Quando formos estudar os dons haveremos de ver, que os dons são distribuidos pelo Espírito *a quem êle os quer distribuir*, (I Cor. 12:11), portanto, o crente pode tê-los ou não. O mesmo não acontece com o fruto. Não

pode haver crentes sem o fruto do Espírito. Um crente sem o fruto equivaleria a uma contradição, portanto concluímos: se alguém diz ter o Espírito e não tem a resultante de sua permanência no coração — o fruto — então essa pessoa está enganando-se a si mesma. Não está arrolada na Igreja de Deus. Pode estar agregada formalmente apenas, mas não está batizada, isto é, unida indissolúvelmente para a Salvação.

Algumas pessoas querem afirmar a presença do Espírito por um dom apenas; quando em suas vidas o negam, pela ausência do fruto. Isto não é possível. Sem o fruto, sem o Espírito, pois não são os dons que indicam a presença do Espírito, mas o fruto.

III — **Manifestação do fruto na conduta cristã.**

A presença do Espírito produz o fruto e portanto suas conseqüências na vida cristã.

Vejamos a amplitude de sua influência em nossa vida.

A — *O fruto em nossos sentimentos:*

1 — **AMOR** — Esta é a primeira conseqüência do fruto em nós enumerada por Paulo, quando escreveu aos Gálatas. Estou convencido que o amor pleno leva o homem a uma verdadeira e salutar experiência religiosa, libertando-o de tôda a vaidade e presunção, e o fazendo humilde e compreensivo.

Leiamos o capítulo 13 da primeira carta aos Coríntios e vejamos ali a mais bela página jamais escrita sobre o amor. Se o temos na inteireza daquele capítulo, temos tudo, pois o amor é fundamental no Reino de Deus. É a palavra central no Evangelho. É o caminho mais excelente.

2 — **GÓZO** — Alegria, eis aí outra conseqüência do fruto do Espírito em nós que não podemos desconhecer. A alegria incomparável daquele que não só “compreende, mas também sente” o gôzo, da sua presença.

Tendo conversado com crentes, antes frios e indiferentes, muito prontos a criticar o trabalho da Igreja, os sermões do pastor, a pregação dos leigos, e que num dado momento, pela oração fervorosa, e pela plena submissão, têm sofrido uma nova experiência, que se traduz em uma nova compreensão do trabalho; e numa nova atitude de cooperação e gôzo, pela aceitação da verdade que é Deus quem dirige o trabalho. Então, compreendem que até os crentes mais humildes têm o dever de falar. O Espírito os usa para êsse fim.

Neste ponto, convém pararmos um pouco mais, para dizermos o seguinte: o elemento de gôzo na religião é mais proeminente no Novo Testamento que no Antigo. Pois isto é natural, visto que a notícia alegre do anjo foi esta: “eis que vos trago novas de grande alegria.” Nos quatro evangelhos especialmente em Lucas, êsse elemento é notável. Ali Êle é apresentado como o noivo que se alegra, e portanto seus discípulos não deviam se entristecer, antes deveriam se alegrar.

O capítulo 10, verso 21 nos fala que Jesus se alegra no Espírito, e em João 15:11, êle fala do gôzo que a sua palavra traz ao nosso coração, daí o exuberante estado de gôzo que é um vivo contraste, com a triste figura dos hipócritas, e dos que entre os filhos de Deus, são a semente do maligno.

3 — *PAZ* — A certeza em Cristo produz segurança, a segurança, paz. Tôda a iniquidade e desassossêgo em face dos múltiplos problemas da vida, é substituído por uma nova sensação de paz e segurança. Deus nos dirige.

B — O fruto em nossas atitudes para com os outros:

1 — *LONGANIMIDADE* — Isto quer dizer, que o Espírito frutifica em paciência e resignação. Uma das belas conseqüências do fruto em nós que aparece justamente nas horas mais difíceis e sombrias da vida — essa firmeza de ânimo, essa coragem de suportar pacientemente os outros, e de lutar com fé contra a pró-

pria adversidade, inclui também paciência com os que erram.

Isto significa uma mente compreensiva e aberta, oposta à mente estreita, irascível, impaciente e intolerante. É saber apreciar o outro, com carinho e afeição, mesmo que êle pense diferente de nós, e jamais por um falso amor-próprio prejudicarmos o trabalho tão glorioso para o qual somos chamados.

2 — *BENIGNIDADE* — Isto é, ser complacente, brando, suave. Podíamos dizer que, mais uma vez, aqui está o amor em prática, produzindo essa boa atitude de compreensão e carinho.

Êste têrmo é empregado também no Novo Testamento, significando moderação.

3 — *BONDADE* — Precisaríamos falar sôbre ela? Creio que todos nós sabemos bem o que ela representa. Belo fruto que orna as almas cristãs!

C — *O fruto em nossas tendências instintivas:*

1 — *FÉ, MANSIDÃO, TEMPERANÇA.*

Assim concluímos que aqueles que têm o Espírito no coração, conseqüentemente têm o fruto em suas vidas, crendo humildemente e vivendo uma vida equilibrada para a glória de Deus.

O fruto do Espírito é pois a maior prova do batismo do Espírito em nossos corações. Plenos do Espírito, resultado prático, lógico e abençoado — pleno de fruto!

Imaginemos o poder de uma Igreja quando todos os seus membros estiverem cheios de amor; cheios de gôzo; cheios de paz; cheios de longanimidade; cheios de benignidade; cheios de bondade; cheios de fé; cheios de mansidão; cheios de temperança.

E repetamos com o apóstolo: “Mas o fruto do Espírito é, caridade (amor), gôzo, paz, longanimidade; benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança, justiça e verdade.”

E passemos agora, a estudar êste capítulo tão fascinante, que fala do presente que o Espírito nos pode dar,

“Os dons do Espírito.”

CAPÍTULO VIII

OS DONS DO ESPÍRITO

I — Não sejais ignorantes.

A Igreja de Corinto andava enleada numa grande confusão e ignorância com respeito aos dons espirituais e frutos do Espírito, e Paulo escreveu aos coríntios para doutriná-los nesse ponto. Pena é que até hoje ainda existam muitos coríntios...

Em I Coríntios 12:1 encontramos textualmente:

“Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes.”

Quanto à confusão a respeito do fruto do Espírito, que são visíveis nas vidas transformadas, já observamos no capítulo VII, onde vimos a triste ausência do fruto em vidas pecaminosas.

O capítulo 12 de I Coríntios é pois inteiramente dedicado à explanação do seguinte tema: “*A Diversidade dos Dons Espirituais.*” Para tanto Paulo, passa a enumerar dos versos 7 a 10 os vários dons, a saber:

Sabedoria	Apóstolos
Conhecimento	Presidir governos
Fé	Misericórdia — Socorros
Dons de Curar	Ministério
Milagre	Evangelista
Profecias	Ensino
Discernimento	Palavra de Ciência
Línguas	Doutores
Interpretação	Mestres
Exortação	Pastôres
Repartir	(Romanos 12: 6 a 8 e Ef. 4:7-12)

I Cor. 12:7 a 10) notamos o seguinte: Verso 7 — A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando um fim proveitoso. Verso 8 — Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento. Verso 9 — A outro, no mesmo Espírito, fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar. Verso 10 — A outro, operações de milagres; a outro profecia; a outro, discernimento de espírito; a um variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las.

É interessante registrar aqui o pensamento do Dr. Orr a respeito.

“Êsses dons do Espírito são sobrenaturais e não devem confundir-se com os talentos naturais. Um obreiro cristão pode ter talento natural da voz, que antes de sua conversão esteve a serviço de outros, alheios ao culto cristão. Outro pode ter o dom da palavra, pôsto, contudo ao serviço de empreendimento político. Os dons do Espírito são sobrenaturais, manifestando-se no poder do Espírito Santo, em criar talentos espirituais, antes que físicos, ou psíquicos.”

II — O dom é dado para um fim proveitoso.

Notemos bem que Paulo deixou claro aos ignorantes coríntios que o “dom” é dado para um fim proveitoso. Verso 7 — “mas a manifestação do Espírito, é dada a cada um, para o que fôr útil.”

É de se perguntar então, para sabermos se o dom que temos vem do Espírito. É útil êsse dom? O dom é sempre dado em vista de uma utilidade.

III — O dom é de livre distribuição do Espírito.

Ainda êste ponto é muito claro. Paulo afirma que a distribuição do Espírito é feita não segundo o querer do homem, mas segundo a Sua vontade. Verso 11 — “Mas um só e mesmo Espírito opera tôdas essas coisas, *repartindo particularmente a cada um como quer.*” O

escritor dos hebreus confirma essa afirmação quando diz que “Testificando também Deus, com êles, por sinais, e milagres, várias maravilhas e dons do Espírito Santo, distribuídos pela Sua vontade.” (Hebreus 2:4)

Convém notar aqui mais uma vez a diferença entre os dons do Espírito e o fruto do Espírito. O fruto é conseqüente, portanto, todos os batizados o devem ter, pois êle é o testemunho da presença do Espírito em nós. Quanto aos dons, o crente pode ter ou não, pois isto não depende dêle mas do Espírito. É um presente, uma dádiva, um dom que o Espírito distribui a quem e quando quer.

IV — A diversidade de Serviços.

Na Igreja, o Espírito distribui vários dons úteis para a edificação. Assim na Igreja há uma variedade de dons; Paulo passa no mesmo capítulo (I Cor. 12) a falar da unidade do corpo e da diversidade dos membros e dos órgãos do mesmo corpo.

No corpo cada membro e cada órgão tem a sua função específica, em prol da vida e unidade do corpo. Todos são igualmente necessários, e se todos os membros quisessem ser um membro só então não haveria o corpo. Na diversidade dos membros e dos órgãos está a unidade do corpo.

“Assim também, fomos batizados formando um corpo” — a Igreja. Cada pessoa e cada ramo denominacional, correspondem a um membro ou um órgão do corpo. E na diversidade dêsses membros, está a unidade do corpo, cada um tendo o seu fruto e dom.

Então concluímos que há diversidade de realizações.

Se o trabalho é diverso, segue-se lógicamente que diversas são as realizações. Isto deixa transparecer uma certa hierarquia de valores. No verso 31, Paulo aconselha a se procurar “os melhores” dons; e no verso 28 êle diz:

“E a uns pôs na Igreja, *primeiramente* apóstolos, em *segundo* lugar profetas, em *terceiro* doutores, depois

milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedade de línguas.

É interessante notar que na escala dos valores, o dom de línguas, tão procurado por certos crentes, está colocado em oitavo lugar! Tenho perguntado a alguns, porque o dom de línguas, um dos últimos, se manifesta em primeiro lugar (Manifesta, dizem eles. A mim não me parece ser uma manifestação. Ver cap. I). Porque não aparecem por exemplo o dom de conhecimento e de socorro? Estes são de fácil averiguação... tão necessário num país de tanta ignorância e tanta miséria!

Mas êste é um caso que estudaremos mais à frente reservando um capítulo todo para o dom de línguas.

Comparando I Coríntios 13:11, “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das cousas próprias de meninos”; e no mesmo livro 14:20, lemos “Irmãos, não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sêde crianças; quanto ao juízo, sêde homens amadurecidos”, chega-se à conclusão que andar atrás dos dons sem um conhecimento amadurecido, é até uma infantilidade. Especialmente se para tanto somos levados ao juízo errado que só nós estamos certos e todos os demais estão em lamentável êrro. É a grande descoberta de Colombo, para muitos, que sempre ouvem, mas nunca aprendem!

V — O caminho mais excelente.

Depois de esclarecer sôbre os dons que o Espírito dá a quem quer, e como quer, Paulo passa a falar sôbre um caminho *mais excelente*, sôbre alguma cousa, que sòzinha é superior a todos os dons — o amor. (I Cor. 13)

Nem língua, nem profecia, nem sabedoria, nem conhecimento, nem fé, nem socorro, valem sem o amor.

CAPÍTULO IX

O QUE É MAIS EXCELENTE DO QUE OS DONS

Tendo pois Paulo discorrido a respeito dos admiráveis dons do Espírito, para instruir ignorantes coríntios, tão infantis na procura de um tartamudear incompreensível, passa a falar de algo mais excelente do que os próprios dons. Será isso possível? Haverá coisa mais importante do que dom de profecia? Mais importante do que a fé? Mais importante que a sabedoria? Mais importante que o discernimento e a interpretação?

É o que êle diz: “E eu passo a mostrar-vos um caminho ainda mais excelente.”

O caminho sobremodo excelente, mais notável do que todos os dons reunidos, é o caminho que Jesus apresentou e trilhou, sùmula de todos os seus ensinoss, centro de tōda sua religiō, a excelência universal de todo o bem — O caminho do *AMOR*.

Pode haver tudo. Se não há o amor, não há nada. Pode não haver nada, havendo o amor, há tudo! Pois tōda lei, tōda religiō, todos os dons, todos os frutos se resumem neste mandamento admirável “Amar a Deus sōbre tōdas as cousas e ao próximo como a si mesmo.” Você tem amado assim?

Belas palavras, comovente fervor, lindos hinos; magnífica liturgia, apreciável tradiçō, tudo isso nada valem, se não houver para enobrecê-las o espírito da religiō que é o *AMOR*!

Que amor? Por que ousarmos nós defini-lo, ou discorrer sōbre êle, quando temos diante de nossos olhos a mais bela página, jamais escrita sōbre êle, recebida do próprio Espírito Santo, pela instrumentalidade do insuperável Paulo de Tarso?

Vamos transcrevê-la:

O Amor é o Dom Supremo.

“E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente.

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e tôda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.

E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.

O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece.

Não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal.

Não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade.

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará.

Porque em parte conhecemos e em parte profetizamos.

Quando, porém, vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.

Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das cousas próprias de menino.

Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido.

Agora, pois, permaneceu a fé, a esperança e o amor, êstes três: porém o maior dêstes é o *AMOR*.” (I Cor. 13)

*“E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobre-
modo excelente.”*

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

Ainda que eu tenha que profetizar e conheça todos os mistérios e tôda a ciência; ainda que tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.

E ainda que eu distribua todos os meus bens. . . entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.”

Procuremos o amor integral e vivamos cheios de alegria. Alegria do Espírito, alegria do viver, alegria do amor!

Amor, que nos livra da hipocrisia e do fanatismo, e que nos une a Deus e a todos os homens sem distinção.

E cantemos com o poeta sagrado: (Hino 184 do S. Hinos)

Qual o adôrno desta vida? É o amor.

Alegria é concedida pelo amor.

É benigno, é paciente,

Não se torna maldizente.

Êste meigo amor.

— II —

Com suspeitas não se alcança doce amor;

Onde houver desconfiança, ai do amor!

Pois mostremos tolerância;

Muitas vêzes a arrogância

Murcha e mata o amor.

— III —

Ainda quando fôr custoso, nutre amor;

Ao irado e furioso mostra amor

Não te dês por insultado,

Mas responde com agrado

Vence o Amor!

— IV —

Não te irrites, mas tolera com amor;
Tudo sofre, tudo espera pelo amor.
Sentimo-nos orgulhosos
Não convêm aos criminosos ..
Salvos pelo amor.

— V —

Pois irmãos, ao teu vizinho mostra amor!
O valor não é mesquinho dêste amor,
O supremo Deus nos ama.
Cristo para os céus nos chama
Onde reina amor!

CAPÍTULO X

O DOM DE LÍNGUAS

1 — Porque vamos estudá-lo separadamente.

Há muitas razões de estudarmos o dom de línguas separadamente; é que em muitos avivamentos surgem pessoas que dizem êle se manifestar nelas. O nosso propósito em estudar êsse dom, é esclarecermos os crentes para discernirem entre o verdadeiro dom de línguas, e as manifestações puramente emocionais, produto de um estado de êxtase nem sempre aconselhável.

É interessante como já notamos, que êsse é o dom mais procurado num certo tipo de avivamentos. Por que não são também procurados os outros dons? Num país tão necessitado como é o nosso, era de se esperar que em primeiro lugar se manifestasse o dom de socorro, o que raramente acontece. (I Cor. 12:28)

“A uns estabeleceu Deus na Igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro lugar, mestres, depois operadores de milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedade de línguas.”

Perguntei mais de uma vez a pessoas que dizem falar línguas, sôbre a proeminência dêsse dom, aliás secundário, pois Paulo o põe em “último” lugar e nunca obtive uma resposta satisfatória.

Continue o amigo leitor a nos acompanhar e verá por quê.

Antes porém vamos trazer aqui a opinião de homens cheios do Espírito Santo, que falaram movidos por Êle para esclarecimento dos crentes.

1 — J. Edwin Orr: “Na minha opinião, o maior obstáculo ao progresso dos dons espirituais entre os cren-

tes evangélicos é o ponto de vista de que a plenitude do Espírito Santo tem de ser *sempre* acompanhado do dom de línguas. Essa doutrina é inferida de interpretação escriturária contestável, longe de estar explícita nos textos comumente citados. Contudo, é pregada e praticada com maior veemência do que o ensino não contravertido do fruto do Espírito Santo.

O Apóstolo Paulo aconselhou aos Coríntios que não impedissem o falar em línguas, mas que fôsse feito com decência e ordem e que deviam ao mesmo tempo, procurar os melhores dons. É uma advertência muito boa para os nossos dias. O dom de línguas pode transformar-se em fraude. Um amigo meu, pastor pentecostal, contou-me como êle e outro pastor, nascidos na Europa, puseram à prova o dom de discernimento de línguas de uma Congregação de Los Angeles. Em uma reunião ao ar livre, a oração dominical foi recitada em francês e as bemaventuranças em holandês, depois do que se levantou o intérprete e deu a “sua” interpretação da mensagem, totalmente sem relação alguma com o que fôra proferido.

Não se pode negar que outros grupos, que jamais foram cristãos, nem evangélicos também praticam o uso de línguas, o que demonstra claramente que o dom de línguas pode ser simulado.

Contudo, é confortador observar-se que a insistência sôbre o uso de línguas, como evidência exclusiva da plenitude do Espírito está decrescendo, entre tôdas as confissões evangélicas, em proporção direta ao crescimento do interêsse no reavivamento genuíno.”

2 — Donald Gee — grande pregador pentecostal, diz: “De fato há sempre um grave exagêro na imaginação popular sôbre o elemento sobrenatural, tanto na profecia como nas línguas e interpretação. Concede-se-lhes uma importância e autoridade muito além das que estão reveladas no Novo Testamento.”

“Para elas (as Igrejas) o método direto, o dom da profecia, concorda mais com o seu estado espiritual e, por essa razão Paulo o recomenda como de preferência.”

II — Confusão e mais confusão.

Um crente a quem reputo como absolutamente verdadeiro, tem me confiado suas experiências nesse sentido. Disse-me que certo dia, sentiu um desejo ardente de orar. Convidou então a sua família e embora a hora não fôsse muito propícia, todos oraram, e essa reunião de oração produziu-lhe uma intensa satisfação. À noite acordou e novamente sentiu o desejo que alguém orasse por êle a fim de abandonar um vício que o acompanhava. Pediu então para a espôsa que orasse por êle e obteve a graça de não mais voltar ao vício. Daí para a frente as suas orações eram mui ardorosas e êle começou um novo despertamento para o trabalho. Uma noite enquanto orava, ficou em êxtase e começou a falar algumas palavras ininteligíveis, que tomou como o dom de línguas. E esta experiência se repetia, de modo que passou a orar para que Deus lhe desse o dom de interpretar. Certo dia, e daí para frente, depois de orar com aquelas palavras desconhecidas, veio-lhe ao pensamento algumas frases em português e êle entendeu-as como uma interpretação do que dissera antes.

Tais supostas revelações consistiam num apêlo para que o referido irmão se tornasse mais zeloso, verdadeiro, amoroso, abandonasse o vício, etc.

Disse-lhe então: Essa exortação você está recebendo todos os dias na Igreja! Não era preciso uma “revelação” especial para essas exortações, pois a boa conduta é o dever de todo o crente.

Perto da casa dêsse homem vivia uma jovem crente, presa de uma enfermidade há mais de três anos. Fui informado por êle, que ela tinha a mesma experiência, isto é, falava línguas e também cantava em línguas. Era meu costume visitá-la, mas nunca tinha se dado em minha presença êsse fenômeno. Certo dia fui visitá-la com o irmão acima referido. Depois de termos orado, ela manifestou o desejo de orar por mim e eu aceitei a sua oração fervorosa, com alegria. Então, intercalando na oração em português, ela falava algumas

palavras, ou melhor emitia alguns sons parecidos com palavras e dava-lhes a sua interpretação. Acontece que os sons emitidos eram sempre os mesmos, conquanto a tradução fôsse sempre diferente. Quando saímos conclui para o meu amigo, que aquela nossa irmã, muito fervorosa é verdade, caía em lamentável êrro pois tomava o efeito passageiro de uma emoção forte, por um dos dons do Espírito. Passado algum tempo voltei a visitar a referida irmã. E ouvi a mesma oração, com as mesmas palavras, e com outra interpretação.

Aliás, velha e errada é a prática de se receber revelações extra bíblicas. E o que é mais interessante é que os tais “altos falantes” de Deus querem por fôrça e intolerância se fazerem por *únicos* e certos seguidores de Jesus!

Maomé, o admirável fundador do Islamismo, dizia ter recebido de Deus, as mensagens que escreveu no Alcorão, e fê-las aceitar entre os árabes, africanos e até europeus, pela imposição de seu exército sanguinário, cujo lema era “crer ou morrer”. E milhões de indivíduos ainda hoje são maometanos, crendo portanto nas revelações extra bíblicas.

Assim iríamos longe a citar os que presumindo ouvir a voz de Deus, fundaram religiões completamente contrárias a essa mesma palavra revelada — a Bíblia —. Deus não pode contradizer-se. A Bíblia é a verdade, fora dela, a alma corre perigo. Voltemos pois à Bíblia e sòmente à Bíblia, pois dela diz Paulo: “Tôda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para tôda a boa obra.”

III — O testemunho de um autor insuspeito.

São de Donald Gee, as citações abaixo, do livro “Acêrca dos Dons Espituais”, da casa Publicadora Assembléia de Deus.

“Convém-nos notar aqui as razões porque Paulo parece não favorecer o falar línguas na Assembléia em Corinto, porque essas razões, às vêzes, estão muito exageradas e mal aplicadas.

Eram duplas: a) Falavam línguas demasiadamente nos cultos em Corinto; b) Falavam línguas nas reuniões sem intérprete.”

“Faz pena ver que alguns dirigentes, atuais, não considerem êsse dom no mesmo espírito de Paulo.”

Não se pode ignorar esta fase do assunto num estudo sôbre o propósito dos dons espirituais. É causa estranha, mas o ensinamento de Paulo e seu testemunho em I Cor. 14, indicam claramente que o dom, o qual, alguns na sua precipitação julgam que é para ser usado primeiramente no culto público — o dom de línguas — é realmente de grande utilidade no uso *oculto*.

É cousa estranha que alguns achem difícil reconhecer uma manifestação do Espírito a não ser quando é muito espetacular. Foi por tal razão, talvez, que os coríntios preferiram línguas à profecia.”

“Os tipos de ministérios emocional e profético tendem a predominar nos tempos de avivamento, mas degeneram logo para os erros de fanatismo, se não forem contrabalançados por um ministério de ensino e raciocínio.”

“... enganamo-nos muito ao imaginarmos que os “dons” podem substituir os frutos.”

“Uma exibição espetacular dos dons, apesar de Maravilhosa, não produzirá coisa alguma de terno valor.”

“É fácil alguém meditar morbidamente sôbre a operação de um dos dons que tem, ou pensa que tem, a ponto de esquecer-se da vida de comunhão com o Doador. Acontece, às vêzes, que um crente se abandona aos “dons” e “ofícios” a ponto de todo o assunto, por fim tornar-se repugnante. A alma se satisfaz unicamente com o divino Doador e jamais com apenas seus dons.”

“Antes de tudo, havia um excesso de falar línguas nos cultos públicos. (I Cor. 14:23, 27) Em segundo lugar falavam línguas na assembléia sem haver interpre-

tação. Paulo enfrenta êsses abusos, dando mandamentos para cada um. Assim o falar línguas devia-se limitar a dois; e quando muito três, em qualquer reunião de assembléia. Proibiu-lhes falar língua audívelmente, exceto quando houvesse interpretação e, tal interpretação na ordem discriminada.”

IV — Uma regra áurea e uma norma áurea.

(Página 108 do Livro “Acêrca dos dons Espirituais” de Donald Gee.)

“A regra áurea governando o uso dos dons espirituais se encontra em I Cor. 14:26: “*Faça-se tudo para edificação.*” Há também uma norma áurea, a qual é a única para tornar os dons proveitosos. É a norma de amor — enunciada explicitamente em I Cor. 13 — um capítulo, lembremo-nos, escrito especialmente em conexão aos dons espirituais.

A aplicação dessa regra, juntamente com a norma, serviria para curar quase todos os abusos dos dons do Espírito. Assim os crentes em Corinto não teriam falado línguas em excesso, nem sem interpretação na assembléia, se tivessem procurado o maior benefício, para o maior número de pessoas. É verdade, como Paulo afirma, que se edificavam-se a si mesmos. (verso 4); mas o amor nunca se satisfaz sem que o próximo compartilhe da edificação (verso 17) e, ainda mais, o amor nunca se edifica a si mesmo à custa de fazer o próximo tropeçar (verso 24).”

Como uma ilustração notamos, enquanto escrevemos estas linhas a bordo dum navio, que alguns tocam piano a qualquer hora, para o seu próprio prazer, sem consultar de forma alguma os desejos ou conforto do próximo. Outros há que sempre consideram a ocasião e o prazer dos outros.

Uma grande parte dos abusos dos dons espirituais é motivado pelo interêsse próprio, especialmente quando se trata do dom de línguas. Em um culto público o que tem um dom deve sempre lembrar-se, com um amor

prático, da presença dos outros; e deve sempre considerar o efeito do desempenho do seu dom sobre êles; em tal ocasião não se pode comportar da mesma maneira como quando está sôzinho com Deus.

É essa consideração que faz à raiz do mandamento do apóstolo: “Mas faça-se tudo decentemente e com ordem.” (verso 40); não a ordem de um cemitério, mas a ordem de uma vida incorporada efetuando tôdas as suas funções fácil e eficazmente para todos.”

V — Quando o Novo Testamento fala no dom de línguas.

¹ — Encontramos primeiramente o dom de línguas, em Atos 2:4 no grande dia do batismo do Espírito. Isto é, no dia da vinda do Espírito para ficar com a Igreja.

“E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram falar noutras línguas, *conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.*”

Trata-se portanto da liberdade do Espírito que *concede* o dom a quem quer. Podemos observar aqui que naqueles dias estavam em Jerusalém homens de tôdas as circunvizinhanças da Palestina e até de lugares distantes, e nesse capítulo encontramos a enumeração nominal de muitas nações ali representadas.

Quando começaram a falar em “outras línguas”, êles mesmos os que falavam, não se deram por isso, mas foi justamente o povo que ouvia quem descobriu que êles falavam outra língua que não a comum entre os judeus. Por que o povo descobriu isso? Porque cada um entendia em sua própria língua. Não houve pois aqui, necessidade de intérprete.

Evidentemente essa foi uma maravilha, que até hoje, até onde eu saiba, só se repetiu na história do cristianismo, no batismo genérico dos gentios (Atos 10) e no batismo narrado em Atos 19, isto é, no período de transição da Igreja, para unir judeus, samaritanos e gentios, num só corpo de Cristo. (Cap. III)

Alguns estudiosos dizem que a finalidade dessa língua no Pentecostes foi:

- a) Mostrar a universalidade do Evangelho.
- b) Ensinar que tôdas as línguas são veículos dignos do evangelho.
- c) Fazer sentir que Deus vai até onde o homem está.

2 — Uma outra passagem sôbre línguas encontramos ainda em Atos 10:46. É uma rápida referência a respeito dêsse dom, na casa de Cornélio. Foi uma das provas convincentes para que os judeus tão exclusivistas aceitassem os gentios na grei evangélica. Pedro justificando-se perante a Igreja em Jerusalém, por os ter batizado, disse que acontecera com os gentios o mesmo que no *princípio* (Atos 11:15) lhes acontecera em Jerusalém; donde concluimos:

- a) Que essa manifestação foi só no princípio.
- b) que houve necessidade dessa mesma manifestação especial, para que os discípulos recebessem os gentios na Igreja, como era o propósito daquele que também morreu por nós.

Nestas duas passagens, encontramos o cumprimento da profecia de Marcos 16-17. E parece-nos, pela palavra de Pedro: “caiu sôbre êles o Espírito Santo, *como também sôbre nós ao princípio.*” que a língua falada em casa de Cornélio foi a mesma em Atos 2. Isto é uma língua desconhecida, mas entendida. (Ver também cap. III — IV parte)

3 — Resta-nos no livro de Atos só mais uma passagem que se refere a falar línguas; 19:6. É o caso de alguns homens evangelizados por João e que só agora tinham conhecimento de Jesus e de seu Espírito. Aqui não há nem uma declaração de que seja uma língua desconhecida, mas simplesmente nos diz que falavam em línguas, de onde podemos concluir ser o mesmo fenômeno de Atos 2. (Ver também capítulo III parte III)

VI — **Nas cartas Paulinas.**

Além das passagens anotadas, dos Atos, que foi o período transitório de formação da Igreja, só mais uma vez se fala em línguas, isto numa das cartas que Paulo escreveu aos coríntios.

Diga-se algumas palavras como introdução ao estudo do fenômeno de línguas, sôbre a única Igreja na qual êle se manifestou.

Paulo evidentemente escreveu aos coríntios para admoestá-los fortemente, pelos erros de prática e de doutrina que medravam entre êles. Diz Angus: “A paz dessa Igreja foi perturbada por falsos mestres que procuravam enxertar naquele ramo da Igreja de Cristo os princípios da filosofia humana. Êsses indivíduos tentaram depreciar o apóstolo, estabelecendo comparações, segundo parece, entre êle e o eloqüente Apolo, descrevendo-o como pregador sem as graças do estilo e a beleza da oratória, e pondo mesmo em dúvida a sua autoridade apostólica em confronto com a de Pedro. Além disso êles defendiam a vida licenciosa de cada um, sob pretêxto de liberdade cristã. Dêste ensino resultam divisões e irregularidades, não tardando que a Igreja decaísse de sua primitiva fé, pureza e amor”. Assim podemos observar as seguintes dificuldades na Igreja de Corinto.

1 — *Divisão entre êles por espírito de partido.*

(I Cor. 1:10 a 13) “Rogo-vos, irmãos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma cousa, e que não haja entre vós divisões; antes sejais inteiramente unidos, na mesma atitude mental e no mesmo parecer.

Pois a nosso respeito, meus irmãos, fui informado, pelos da casa de Cloe, de que há contendias entre vós.

Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo.

Acaso Cristo está dividido? foi Paulo crucificado em favor de vós, ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?” (I Cor. 3: 4 a 6) “Porque de nada me argúi a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor.

Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que venha o Senhor, o qual não sòmente trará à plena luz as cousas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.

Estas cousas, irmãos, apliquei-as figuradamente a mim mesmo e a Apolo por vossa causa, para que por nosso exemplo aprendais isto: Não ultrapaséis o que está escrito; a fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro.”

2 — *Inclinação pela chamada ciência filosófica.*

(I Cor. 1: 18 a 25) “Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a inteligência dos entendidos. Onde está o sábio? onde o escriba? onde o inquiridor dêste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens.”

3 — *Notória imoralidade entre êles era tolerada.*

(I Cor. 3: 1 a 3) “Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais; e, sim, como a carnis, como

crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podeis suportá-lo. Nem agora podeis, porque ainda sois carnis; portanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem”?

(I Cor. 5:1). “Geralmente se ouve que há entre vós imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai.”

(I Cor. 5:12). “Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Não julgais vós os de dentro?”

4 — *Recursos aos tribunais gentílicos.*

(I Cor. 6: 1 a 8). “Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos? Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois acaso indignos de julgar as cousas mínimas? Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? quanto mais as cousas desta vida. Entretanto, vós, quando tendes a julgar negócios terrenos, constituís um tribunal daqueles que não tem aceitação nenhuma na Igreja! Para vergonha vô-lo digo. Não há, porventura, nem ao menos um sábio entre vós, que possa julgar no meio da irmandade? Mas irá um irmão a juízo contra outro irmão, e isto perante incrédulos? O só existir demandas entre vós já é completa derrota para vós outros. Por que não sofreis antes o dano? Mas vós mesmos fazeis a injustiça e fazeis o dano, e isto aos próprios irmãos.”

5 — *A ceia do Senhor não era celebrada convenientemente.*

(I Cor. 11:20 a 22). “Quando, pois, vos reunís ao mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis. Porque, ao comerdes, cada um tome antecipadamente a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague. Não tendes, porventura,

casas onde comer e beber? Ou menosprezais a Igreja de Deus, e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto certamente não vos louvo.”

6 — *O dom da língua tinha errônea aplicação, puramente emocional, e causando desordem no culto.*

I Coríntios 14.

7 — *A importante doutrina da ressurreição tinha sido rejeitada ou posta em dúvida.*

(I Cor. 15:12) “Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição dos mortos?”

O Assunto da carta.

No capítulo 1 após as saudações, Paulo ataca o problema das dissensões na Igreja. No capítulo 2, êle defende o caráter evangélico de sua pregação; no capítulo 3, Paulo censura o espírito mundano dos coríntios; no capítulo 4, êle defende sua autoridade apostólica, injustamente posta em dúvida pelos coríntios; no capítulo 5 e 6 acusa-os e exorta-os pelas imoralidades e litígios; nos capítulos 7 e 8 responde perguntas que lhe foram dirigidas, no capítulo 9 mais uma vez êle fala de seu ministério, seu desinterêsse e fervor; no capítulo 10 êle dá uns conselhos de ordem geral até parte do capítulo 11; passa então a dar-lhes o modo correto de celebrar a ceia do Senhor.

No capítulo 12, Paulo passa a doutriná-los acêrca dos dons espirituais, pois também nisso os coríntios eram mui ignorantes. Depois de discorrer sàbiamente a respeito dêles, chega à seguinte conclusão: *Portanto*, isto é; em resumo de tudo; concluindo — “Portanto procurai com zêlo os melhores dons; e eu vos mostrarei um *caminho ainda mais excelente.*”

Então vem o capítulo 13, o maravilhoso capítulo do amor. O caminho mais excelente do que os próprios dons. Convido o leitor bondoso a parar um pouco aqui, o nosso estudo, para saborear essa bela página de amor, esperança e fé. (Leia em sua Bíblia, I Coríntios 13)

Depois do esclarecimento sôbre os dons, demonstrando um caminho mais excelente, Paulo passa a falar do dom de línguas, e de como êle devia ser usado na Igreja para a sua edificação.

Ao que nos parece havia em Corinto nesse sentido alguma cousa com a qual o apóstolo não podia concordar plenamente, mas que achou por bem não discordar, pois de longe lhe escapava todos os dados para um julgamento definitivo.

Êle então, no capítulo 14 passa a defender clara e positivamente o seguinte tema: “*o dom de profecia é superior ao dom de línguas*”, e depois de discorrer sôbre êsse tópico chegou à seguinte conclusão: “*Portanto, irmãos, procurai com zêlo, profetizar, e não proibais falar línguas.*”

O que se devia procurar ardentemente era o dom da profecia, isto é, o dom da pregação da palavra profética e salvadora do evangelho; e quanto à línguas não há uma recomendação conclusiva que a procure, mas apenas que não se proíba falá-las. De onde também concluimos nós que não era tôda a Igreja de Corinto que apoiava êsse fenômeno, e alguns queriam até proibi-lo. E é justamente essa Igreja tão falha, que muitos querem imitar!

O capítulo 15 é uma bela página sôbre a ressurreição, e no capítulo 16 encontramos as recomendações finais.

Mas agora vamos estudar particularmente o capítulo 14, pelas razões expostas no início dêste capítulo.

CAPÍTULO XI

O DOM DE LÍNGUAS — (continuação)

I — (I Cor. 14). "O dom da profecia é superior ao dom de línguas".

"Segui o amor e procurai com zêlo os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis. Pois quem fala em outra língua, não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios. Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando. O que fala em outra língua a si mesmo se edifica, mas o que profetiza edifica a Igreja. Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas; muito mais, porém, que profetizásseis; pois quem profetiza é superior ao que fala em outras línguas, salvo se as interpretar para que a Igreja receba edificação. Agora, porém, irmãos, se eu fôr ter convosco falando em outras línguas, em que vos aproveitarei, se vos não falar por meio de revelação, ou de ciência, ou de profecia, ou de doutrina? É assim que instrumentos inanimados, como a flauta, ou a cítara, quando emitem sons, se não se derem bem distinto, como se reconhecerá o que se toca na flauta ou cítara? Pois também se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha? Assim vós, se, com a língua, não disserdes palavra compreensível, como se entenderá o que dizeis? porque estareis como se falásseis ao ar. Há sem dúvida, muitos tipos de vozes no mundo, nenhuma delas, contudo, sem sentido. Se eu, pois, ignorar a significação da voz, serei estrangeiro para aquêle que fala; e êle, estrangeiro para

mim. Assim também vós, pôsto que desejais com ardor, dons espirituais, procurai progredir, para a edificação da Igreja. Pelo que, o que fala em outra língua, ore para que a possa interpretar. Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato mas a minha mente fica infrutífera. Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente. E se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o amem depois da tua ação de graças? visto que não entende o que dizeis; porque tu de fato dás bem as graças, mas outro não é edificado. Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós. Contudo, prefiro falar na Igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua.”

II — Os dons em face aos visitantes na Igreja.

“Irmãos, não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sêde crianças; quanto ao juízo, sêde homens amadurecidos. Na lei está escrito: “Falarei a êste povo por homens de outras línguas e por lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor”. De sorte que as línguas constituem um sinal, não para os crentes, mas para os incrédulos? mas a profecia não é para os incrédulos, e, sim, para os que crêem. Se, pois, tôda a Igreja se reunir no mesmo lugar, e todos se puserem a falar em outras línguas, no caso de entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão porventura que estais loucos? Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo, ou indouto, é êle por todos convencido, e por todos julgado; tornam-se-lhes manifestos os segredos do coração, e, assim, prostando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está de fato no meio de vós.”

III — A necessidade de ordem no culto.

“Que pois fazer, irmãos? Quando vos reunís, um tem salmo, outro doutrina, êste traz revelação, aquêle outro língua, e ainda outro interpretação. Seja tudo feito para edificação. No caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isto sucessivamente, e haja quem interprete. Mas, não havendo intérprete, fique calado na Igreja, falando consigo mesmo e com Deus. Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem. Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro. Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem a ser consolados. Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas. Porque Deus não é de confusão, e sim, de paz. Como em tôdas as Igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas Igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; por que para a mulher é indecoroso falar na Igreja. Porventura a palavra de Deus se originou do meio de vós, ou veio ela exclusivamente para vós? Se alguém se considera profeta, ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E se alguém ignorar, será ignorado. Portanto, meus irmãos, procurai com zêlo o dom de profetizar, e não proibais o falar em outras línguas. Tudo, porém, seja feito com decência e ordem”.

IV — Nota sôbre o texto

É interessante acompanharmos êste estudo revendo I Cor. 14. Podemos enumerar algumas verdades sôbre êsse capítulo.

1 — Paulo estava estudando aqui um fenômeno, que não é o mesmo que houve no dia de pentecostes.

Prova:

Atos 2

- a) Atos 2, fala ao povo.
- b) Edifica a Igreja.
- c) Os apóstolos não tiveram intérpretes.
- d) Eles entenderam naturalmente, sem orar.
- e) Aqui os ouvintes foram instruídos pelas línguas.
- f) Aqui são conhecidas.

Em I Coríntios 14

- a) Verso 2, fala a Deus.
- b) Verso 4, Edifica a si mesmo.
- c) Verso 5, Alguém deve interpretar.
- d) Verso 13, manda orar para interpretar.
- e) Verso 19, aqui a língua não instrui.
- f) Verso 19, aqui as línguas são desconhecidas.

Em I Cor. 14 portanto não é o mesmo fenômeno de Atos 2.

2 — O fenômeno de que trata o trecho, apareceu na igreja de Corinto. Não há em qualquer das epístolas às outras Igrejas, a menor referência a êle. Ora, a igreja de Corinto, sem contestação, era a mais imperfeita das Igrejas; não pode pois nos servir de modelo!

Ver I Cor. 1:13, 11 - 3: 1 a 3 - 3:18 - 5:1 - 14:14.
(ver capítulo XIV, parte VI)

3 — A simples leitura do trecho, demonstra que Paulo escreve para dar a entender que as línguas estranhas não têm o valor e importância que os crentes de Corinto lhes atribuíam. Tanto assim que Paulo diz, que o que se deve procurar, não é o dom de línguas e sim o de profetizar. V. 1 e 39.

4 — O apóstolo declara que os dons espirituais devem ser procurados com ardor para edificação da Igreja, v. 12 e que o dom de línguas não edifica a Igreja, mas apenas o que fala, v. 4.

5 — Parece que o termo língua estranha indica um fenômeno que não era língua, pois o que é que vem a ser uma língua? Um meio de comunicar idéias. Ora,

Paulo diz que as línguas estranhas faladas em Corinto eram ininteligíveis até para aqueles que as falavam!

V. 2 — "... ninguém o entende..."

V. 5 — "... e não ser que também interprete..."

V. 7 a 11 — "... Porque estareis como que falando ao ar..."

Nestes versículos Paulo demonstra que todos os sons e palavras tem um significado; ou a flauta, ou a cítara ou a trombeta, quando emitem um som, tem alguma significação; assim também o precioso som da voz humana deve ter alguma significação, pois do contrário é como se falasse ao ar, portanto não é língua.

6 — Paulo dá a entender que a preocupação com línguas é um infantilidade; verso 20 "irmãos não sejais meninos no entendimento..."

7 — A quem é que se dá o sinal do Espírito Santo? Ao crente.

Pois bem, as profecias é que são o sinal para os crentes. V. 22: "e a profecia não é sinal para os infiéis, mas para os fiéis."

8 — Paulo declara formalmente que a prova da presença de Deus e portanto de seu Espírito, não são as línguas e sim a profecia. V. 24, 25, "Mas, se todos profetizarem, e algum indouto ou infiel entrar é de todos convencido e de todos é julgado. Os segredos de seu coração ficarão manifestos, e assim lançando-se sobre o seu rosto, adorará a Deus, publicando, *que Deus está verdadeiramente entre vós.*

9 — Embora Paulo não proíba o fenômeno chamado língua estranha êle deixa claro que êle não concorre para vida espiritual. V. 26. "Que fareis pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tiver salmo, doutrina, revelação, língua, interpretação, *faça-se tudo para edificação.*"

a) tudo deve ser feito para o fim de edificar a Igreja.

b) Ora, o fenômeno de língua estranha não edifica a Igreja verso 2 e 4.

10 — Examinando êsse capítulo verificam-se várias cousas bem curiosas:

a) Êsse falar língua estranha prejudica a ordem do culto. Verso 23, 26, 27, 31 e 40.

b) Que eram as mulheres que tomavam a parte mais ativa. Versos 34 e 35.

Daí uma interferência, de que a Igreja de Corinto estava preocupada com uma fenomenologia exótica, que a distraía dos elementos essenciais da vida religiosa.

V — Conclusões:

Parece-nos pois, que nem sempre podemos identificar os fenômenos puramente emocionais, com o dom de línguas, conferido pelo Espírito Santo, “como, quando e a quem” quer. I Cor. 12:11.

Algumas pessoas têm errôneamente ensinado que só são batizados pelo Espírito os que falam línguas, dizendo que esta é a prova para sabermos se temos o Espírito ou não. Ora, já ficou demonstrado em capítulos anteriores que não são os dons que provam a presença do Espírito, mas o fruto, “pelos seus frutos os conhecereis.”

Se o leitor tem ainda alguma dúvida, deve voltar a estudar os capítulos anteriores e não somente o capítulo sobre línguas, pois em todo o decurso dêste estudo é que as dúvidas vão se esclarecendo.

Eis algumas razões porque a língua estranha não é sinal do batismo do Espírito; nem de sua plenitude.

1 — No Pentecostes, Atos 2; em Cesaréia, e Éfeso. quando a Igreja foi batizada não houve “língua estranha”, mas houve, isto sim, “*outras línguas*”, “línguas estrangeiras”, isto é línguas conhecidas e inteligíveis.

2 — Não foram todos os convertidos (batizados), que “*Porventura falam todos diversas línguas*”? (I. Cor. 12:29, 30)

3 — As línguas estranhas vão cessar.

“*Havendo línguas cessarão*”. (I Cor. 13:8)

4 — Paulo proibiu que ela fôsse falada, não havendo intérprete. Mas se não houver intérprete *esteja calado na Igreja*, e fale consigo mesmo a Deus.” (I Cor. 14:28)

5 — Os apóstolos não falavam essa língua. (I Cor. 12:28 a 30)

6 — Paulo, não as queria falar na Igreja. (I Cor. 14:19)

VI — Resumindo êste capítulo.

I Cor. 14: 1 a 25, podemos enumerar:

Tema — O dom de profecia é superior aos dons de línguas.

1 — Procurai o dom de profetizar, v. 1, não o de línguas.

2 — O que profetiza edifica, exorta e consola os homens, v. 3, as línguas não. V. 2 e 4.

3 — O que profetiza é superior ao que fala línguas. V. 5.

4 — Não há proveito algum para a Igreja na língua estranha. V. 6.

5 — Tudo tem um significado, a língua estranha não tem. V. 7, 8, 9, 10 e 11.

6 — Os dons espirituais são para a edificação da Igreja. V. 12.

7 — Língua sem interpretação correta, é mente sem fruto. Vs. 13 e 14.

8 — Em nossa própria língua é que se deve buscar a Deus. V. 15 e 16.

9 — Pode-se falar muito bem uma língua, sem edificar o irmão. V. 17.

10 — São Paulo falava muitas línguas, mas a cada povo queria falar-lhe em sua própria língua, (na língua natural do povo) e é isto que êle julgava proveitoso, dizendo que uma só palavra em língua inteligível vale mais do que dez mil em outra língua. V. 18, 19.

11 — A preocupação com línguas é uma infantilidade. V. 20.

12 — O sinal para os crentes é a profecia, e não as línguas. V. 22. “De sorte que as línguas constituem um sinal, não para os crentes, mas para os incrédulos.”

13 — A língua leva à confusão, v. 23, enquanto que a profecia leva ao juízo e à conversão, v. 24 e 25.

CAPÍTULO XII

A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO E SUA RELAÇÃO COM O PENTECOSTES

Bamcroft diz: “Há muita confusão e êrro correntes nestes dias a respeito da personalidade, operações e manifestações do Espírito. Eruditos conscientes, mas extraviados, têm sustentado idéias errôneas sôbre esta doutrina. É vital a fé de todo o cristão que o ensino escriturístico dela seja visto na sua verdadeira luz e sustentada nas suas corretas proporções.

E continua falando da personalidade do Espírito nestes termos: “Ao atribuir personalidade ao Espírito pensamos que **Ele** não é uma energia impessoal, uma abstração, uma influência, ou emanação. **Ele** é uma inteligência auto-cônsua, auto-determinada, voluntária, consciente. Pode-se dizer que a personalidade existe onde se encontrem unidos numa combinação singular inteligência, emoção e volição, ou senso comum e auto-determinação.”

I — O Espírito Santo é uma Pessoa.

Para provar que o Espírito Santo é uma pessoa, podemos invocar as seguintes razões:

1 — A menção dêle juntamente com outros membros da trindade. Mat. 28:19. II Cor. 13:13

2 — Referências a **Ele** como pessoa que resolve, sente e quer. Atos 15:18. I Cor. 12:11. Ef. 4:30

II — Atribuições pessoais do Espírito.

1 — **Ele** sonda as cousas profundas de Deus. I Cor. 2:10

- 2 — Êle fala. Mat. 10:20. Atos 10:19, 20 e 13:2. Ap. 2:7.
- 3 — Êle ensina. Luc. 12:12. João 14:26. I Cor. 2:13.
- 4 — Êle conduz e guia. João 16:13. Rom. 8:14.
- 5 — Êle intercede. Rom. 8:26.
- 6 — Êle dispensa dons. I Cor. 12:1 a 11.
- 7 — Êle chama homens para o serviço. Atos 13:2 e 20:28.

III — Relação do Pentecostes com o Espírito Santo

1 — Como um membro da Trindade Êle é co-eterno com Deus. Gên. 1:2. Nee. 9:20. Sal. 51:11. Is. 63:10. II Ped. 1:21.

2 — No Pentecostes Êle veio definitivamente para estar com os remidos, e foi derramado em sua plenitude sôbre os crentes que estavam ali

a) Isto para cumprir as profecias de Joel 2:28 e Mat. 3:11.

Essa profecia foi cumprida no dia de Pentecostes. Devemos no entanto lembrar que as profecias têm um cumprimento rotativo. Isto é, elas podem se cumprir mais de uma vez na história; o que às vêzes acontece em proporções maiores.

Thomaz Paul Simmons a respeito disso escreve: “Não sustentamos todavia, que o dia de Pentecostes marcou o cumprimento completo e ultimado da profecia de Joel. Êste dia viu sòmente um cumprimento parcial e espiritual dessa profecia. Efetivamente, as palavras de Pedro precisam ser entendidas como significando não mais além que a coisa ora testemunhada nesse dia era a mesma em espécie como aquela da qual Joel predissera. O cumprimento literal ultimado e completo de Joel 2:28-32, virá com a conversão da nação judáica na segunda vinda de Cristo. Zac. 9 a 11; 13:8, 9 e Rom. 11:26.

b) Para ser consolador e residente entre os crentes e o seu mestre. João 14:16, 17; I João 2:20, 27.

Antes do Pentecostes embora o Espírito tivesse vindo à terra, Êle não permaneceu na terra, não morou nos crentes constantemente.

Agora, como veremos nos capítulos posteriores Êle permanece na Igreja, para dirigi-la e ensiná-la. Cabe aqui a palavra esclarecedora de Erdman sôbre a presença do Espírito no mundo, antes e depois do pentecostes. "Em que a obra do Espírito Santo depois do Pentecostes difere da obra anterior?

1 — No Pentecostes começou a obra do Espírito Santo. Nesse dia Êle veio ao mundo. É o dia de seu advento.

2 — Já estava no mundo. Seus dons, porém, eram feitos só a pessoas especificadas. Do Pentecostes em diante a todos os crentes.

3 — Antes do Pentecostes era temporária. Depois permanente.

4 — Antes do Pentecostes estava com os crentes; após o Pentecostes estava nêles.

5 — Antes o dom era arbitrário. Depois condicionado pela fé e obediência.

6 — Antes eram ações normais; depois sobrenaturais.

7 — Antes era parcial; depois plena. João 7:37-39.

c) Para convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo. João 16:8 a 11.

Assim podemos concluir que o Pentecostes não terá mais repetição na experiência de cada crente. Êle veio em referência às promessas definidas e particulares e marcou o início de uma dispensação especial — a dispensação do Espírito. Poderia alguém falar numa repetição da ressurreição ou da ascensão?

O Espírito, portanto, permanece no converso; seria absurdo pedir a sua vinda. (João 3:34, 35) Rom. 8:9. Gal. 3: 2 4 e 6 Ef. 1:13; 4:30 e Judas 19.

O crente, portanto, deve buscar não o batismo do Espírito mas a sua plenitude.

IV — A Obra do Espírito Santo.

1 — Foi o agente com Deus na criação. Gen. 1:21

2 — Êle inspirou os escritores das Escrituras. II Pedro 1:21

3 — Ê em geral o agente de Deus em tôdas as suas obras. Jó 33:4. Sal. 104:29, 30. Isaías 40:7. Luc. 1:35. Atos 10:38.

4 — Através da pregação fala aos perdidos para convencê-los: (João 16:8 a 11. Atos 7:51, 52)

a) *Do pecado*, “porque não crêm em mim”.

b) *Da Justiça*, “porque vou para o Pai, e não me vereis mais”.

c) *Do Juízo*, “porque o príncipe dêste mundo já está julgado”.

Sôbre a sua obra direta sôbre os perdidos assim se expressou Simmons: “A regeneração é instantânea.” Não pode ser de outra maneira, por não ser possível a um homem estar em parte vivo e em parte morto sôbre um ponto de vista espiritual. Ê por essa razão que colocamos a convicção através de períodos de extensão variável. Ê só no momento da regeneração, sem dúvida, que a convicção alcança a intensidade mais elevada e é trazida ao cumprimento instantâneo no momento em que a alma cadáver é vivificada à vida.”

A obra direta do Espírito da regeneração é irresistível. Não quer isso dizer que o Espírito Santo viole a vontade. A regeneração é irresistível porque a obra é de Deus.

Ê pelo toque sobrenatural do Espírito que o homem morto em pecados se desperta para a nova vida. Foi um renascimento, e êsse renascimento só é possível pelo toque do Espírito. Ê por isso que nós oramos para que Deus toque com seu Espírito nos corações amigos quando os queremos ver salvos.

Quando um coração sente êsse toque, e aceita a Cristo, foi por obra do Espírito; e êsse coração passa a ter em si o Espírito.

5 — Então passou da morte para a vida. Trata-se agora de uma alma salva. O Espírito continua a trabalhar nos salvos. Antes Êle trabalhava com o salvo estando fora dêle. Agora êle trabalha no salvo pois está dentro dêle. Acontece o que diz MacConkey: “Notai primeiro a situação do pecador. É só uma a sua natureza: a do homem velho. Diz-se que êle está absolutamente morto em delitos e pecados. Possui em si a sua própria vida e não a que vem de Deus. Anda na carne e nela só. Observa-se nêle agora a maravilhosa mudança. Êle se arrepende de seus pecados e crê no Senhor Jesus Cristo. Que sucedeu? Nasceu de novo, de cima, de Deus, do Espírito. Êle agora possui o que o pecador natural não possui, a nova natureza.

A velha natureza não sai, quando entra a nova, sendo mui clara sôbre isso a palavra de Deus e a nossa própria experiência. Agora tem o homem crente como que uma dupla natureza. Existem nêle o Espírito e a carne, a vida nova e a antiga, que são coexistentes. É a dupla natureza do crente.”

Então depois da regeneração, o Espírito começa um trabalho ininterrupto no coração do homem, para possuí-lo inteiramente. Êste trabalho se traduz numa luta do Espírito contra a carne, e da predominância de um e de outro é que surgem os períodos baixos e altos de nossa vida. A predominância total do Espírito é o que chamamos de plenitude do Espírito, cousa pela qual devíamos lutar constantemente. Lutemos ombro a ombro com o Espírito, contra a carne que nos guerreia.

Graças a Deus podemos dizer ainda que o Espírito trabalha no coração dos salvos:

a) Garantindo-lhes a salvação.

Rom. 8:16. II Cor. 1:22. Ef. 1:14: Êle não só testemunha aos crentes a filiação atual, como dá garantia à salvação final. Nesse sentido êle é um “penhor” que nos garante perante Deus.

b) Confortando, iluminando e ensinando.

João 16:7. I Cor. 2:9, 12. Ef. 1:17. I João 2:20, 27.

c) Liderando em obediência e serviço.

Rom. 8: 14. Gál. 5:16. Atos 8:27, 28.

d) Chamando para um serviço especial.

Atos 13: 2, 4.

e) Distribuindo dons e fortificando no serviço.

I Cor. 12: 4 a 11. Atos 1:8. I Cor. 2:4. I Tess.

1:5.

f) Fazendo frutífero, levando à oração e intercedendo. Gál. 5:22-25. Rom. 8:26, 27. Gál. 4:6. Fil. 3:3.

CAPÍTULO XIII

FUNÇÕES DO ESPÍRITO

Já vimos no capítulo que trata da obra do Espírito, mas queremos aqui esboçar por um outro prisma as múltiplas funções do Espírito Santo na vida da Igreja em geral e na vida do crente em particular.

É importante que êste assunto seja estudado muitas vêzes. Convém pensar sèriamente no que o Espírito faz em nós e por nós.

O Dr. Daniel Steele disse numa ocasião: “Que há uma tendência crescente no protestantismo contemporâneo para um enfraquecimento da realidade do Espírito Santo, e conseqüentemente negligência desta fonte de vida e poder.”

O Dr. Ridout afirma: “Nossa necessidade mais urgente é voltar para os Atos dos Apóstolos. Precisamos exigir o cumprimento da promessa de Atos 1:8 para os nossos dias. “Recebereis o Poder ao descer sôbre vós o Espírito Santo.”

O Rev. José Borges dos Santos Jr., eminente teólogo presbiteriano, assim se expressa sàbiamente sôbre êste assunto, interpretando João 14:16: “Qual é a missão ou tarefa do Espírito junto ao crente? Parece que é análoga à de Jesus, porque o texto diz “o outro”, e Jesus se referia ao fato de se ausentar, prometendo para substituí-lo o outro Paráclito. Jesus é então o primeiro Paráclito. A resposta à pergunta depende, pois, do seguinte:

a) O que Jesus é.

b) O que significa a palavra Paráclito.

A missão de Jesus não cessou com a sua ascensão, mas continua na pessoa do Espírito. E êste age

através das pessoas convertidas a Cristo. De modo que a obra redentora de Cristo prossegue através de vidas consagradas.

Você, nobre leitor, pode ser um instrumento dócil nas mãos do Espírito para revelar aos outros homens a presença de Deus, basta para isto aceitar a Jesus como seu Salvador e entregar-se incondicionalmente nas mãos do Espírito.

Ele influencia nossa mente, e por isso nos garante uma vida vitoriosa.

A Bíblia ensina que essa influência em nossa mente é para:

lembrar	João 14:16
ensinar	João 14:16. Mat. 10: 19, 20. Atos 4:8, 9
guiar	João 16:13
transmitir	João: 16:13, 14
predizer	João: 16:13
convencer	João 16:8

Então, que maravilha é o Espírito Santo!

- 1 — Ilumina o entendimento.
- 2 — Aclara a razão.
- 3 — Desperta a consciência.
- 4 — Cria o sentimento de necessidade.
- 5 — Gera um desejo santo.
- 6 — Fortifica a vontade.
- 7 — Vitaliza a fé.
- 8 — Auxilia a crer na Salvação.

Podemos acrescentar aqui, tudo que foi dito no capítulo I onde tratamos da pessoa do Espírito Santo. Se o prezado leitor quer inteirar-se mais profundamente no assunto abra a sua Bíblia e leia com atenção tôdas as passagens assinaladas, para inteirar-se do admirável trabalho do Espírito. Estamos nós ajudando o Espírito a fazer o seu trabalho? Somos instrumentos dóceis em suas mãos para “fazer” o que Ele espera de nós?

Seja pois, a nossa sincera oração as estrofes dêsse belo hino: (Cantor Cristão 171)

Aviva-nos Senhor!
Oh, dá-nos teu poder!
De santidade, fé e amor
Reveste o nosso ser!

Côro
Aviva-nos Senhor!
Eis nossa petição!
Ateia o fogo do alto céu
Em cada coração!

Desperta-nos Senhor!
Oh, faze-nos fluir
As ricas bênçãos divinais
Primícias do porvir!

Renova-nos Senhor,
Inspira mais amor
Mais zêlo, graça e abnegação
a bem do pecador.

CAPÍTULO XIV

O ESPÍRITO SANTO E A TRINDADE.

Este assunto está intimamente relacionado com a Trindade, um dos mais profundos mistérios das Escrituras. Nós a aceitamos pela fé, porém só a entenderemos quando estivermos nos céus aos pés do Cordeiro para aprendermos de sua própria bôca. Nossas limitações não nos permitem aprender tudo de Deus, pois não podemos colocar o infinito no finito.

I — O Espírito Santo é uma pessoa:

1 — Na Bíblia há para Êle designações próprias de uma pessoa. João 14:26; 16:7, 8; 13:15

2 — Tem os poderes da compreensão racional. I Cor. 12:11

3 — Pratica atos pessoais.

Êle cria. Gên. 1:1

Êle procura. I Cor. 2:10

Êle fala. Atos 13:2; 10:19

Êle intercede. Rom. 8:26

Êle testifica. João 15:26. Rom. 8:16

Êle guia. Rom. 8:14. João 16:13

Êle ensina. João 14:26. Lucas 12:12

Êle dá poder. Atos 1:8; 10:38

Tem comunhão. II Cor. 13:3

Êle convence. João 16:8-11

Êle regenera. João 3:8

Êle chama e comissiona. Atos 13:2; 20:28

Êle inspira. II Pedro 1:21

Êle santifica. I Pedro 1:2

Êle ouve. João 16:13

Êle proibe. Atos 16:6, 7

Êle revela. João 16:14

Êle luta com o homem. Gên. 6:3

Êle administra. Atos 20:28

Êle se entristece. Ef. 4:30

Êle vivifica os nossos corpos mortais. Rom. 8:11

Pode ser resistido. Atos 7:1

Podemos pecar contra Êle. Mat. 12:31.

Assim vemos diversos atos pessoais diferentes. O Espírito não é mera influência, é uma pessoa!

II — É uma pessoa Divina.

1 — Pois Êle é um com o Pai e o Filho.

2 — Fonte de inspiração. II Pedro 1:21

3 — O poder da ressurreição. Rom. 8:11

4 — Honras divinas lhe são outorgadas.

III — A Trindade na Redenção.

1 — O Espírito Santo e Cristo.

2 — O Espírito Santo descendo sôbre Cristo.

3 — Relação oficial.

4 — Relação entre o ministério do Espírito Santo e o ministério de Cristo.

Resta-nos dizer neste rápido esboço, que o Espírito Santo sendo Deus, tem os atributos de Deus, de Eternidade, Hebr. 9:14; Onisciência, I Cor. 2:10, 11. Is. 40:13. Onipotência, Miq. 3:8; Onipresença, Salmos 139:7 a 10.

Curvemo-nos portanto diante do Deus Trino e procuremos servir-lhe inteiramente.

CAPÍTULO XV

PECADOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO

Há pecados específicos contra o Espírito Santo de Deus. A Bíblia enumera alguns dêles. Vamos examiná-los:

1 — *Desprezar o Espírito.* Heb. 10:29

“De quanto maior castigo julgais vós será considerado digno aquêle que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?”

Esta passagem se refere ao crente que tendo conhecimento da verdade em Jesus Cristo, não lhe entregou inteiramente o coração vindo a pecar e viver deliberadamente no pecado, desprezando assim o amor de Deus, manifesto em seu Filho e dado a conhecer pelo seu Espírito.

Vejamos êste tremendo versículo “porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.” (Heb. 10:26 e 27)

2 — *Resistir o Espírito Santo.* Atos 7:51

“Homens de dura cervis e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós que sempre resistís ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis.”

3 — *Tentar o Espírito Santo.* Heb. 3:9

“Assim, pois, como diz o Espírito Santo. . . . Onde vossos pais me tentaram. . . .”

4 — *Mentir ao Espírito.* Atos 5:3

“Então disse Pedro: Ananias, porque encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo?”

5 — *Blasfemar contra o Espírito Santo.* Mat. 12:31

“Por isso vos declaro: Todo o pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada.”

6 — *Entristecer o Espírito Santo.* Ef. 4:30

“E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fôstes selados para o dia da Redenção.”

7 — *Extinguir o Espírito Santo.* I Tess. 5:19

“Não apagueis o Espírito.”

Assim vemos que o homem pode pecar contra o Espírito Santo desprezando-o, resistindo-o, tentando-o, mentindo-lhe, blasfemando contra Êle, entristecendo-o e apagando no coração a sua presença iluminadora.

Possa êsse trabalho despertar-nos à uma vida mais santificada e intensa, dirigida pelo Espírito, a fim de que plenos d'Êle façamos a sua vontade.

CAPÍTULO XVI

O ESPÍRITO SANTO NA SUA VIDA

Amigo!

Deus tem um propósito para sua vida! E Ele quer fortalecê-lo e torná-lo pleno do Poder do Espírito Santo para a realização desse propósito.

Este poder é para nossos dias de indiferentismo e incredulidade. Há hoje um número muito maior de incrédulos do que durante os dias dos apóstolos. Se eles só puderam fazer o trabalho com o poder do alto, nós também só o faremos pelo mesmo caminho.

Os discípulos eram homens sem expressão social, fracos e indoutos, mas fizeram um maravilhoso trabalho. Como foi isso?

Atos 1:4 nos conta que eles não foram fazer o trabalho por conta própria. Esperaram em Jerusalém, a mandado de Jesus, a promessa do Pai.

Que promessa? João 14:16, 17 nô-la expõe nestes termos: “E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco... O Espírito de Verdade... Ele habita convosco e estará em vós.”

Juntamente com o Espírito Santo vem o poder conforme a promessa em Atos 1:8 “Mas recebereis o poder ao descer sôbre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas...”

Esse poder, portanto, foi para testemunhar. O Espírito de poder vem para capacitar o crente às grandes e abençoadas realizações dentro do Reino. O trabalho então não depende da elogiável cultura humana, mas da aceitação por parte do homem da direção sobrenatural do Espírito.

Você deseja ter a plenitude do Espírito Santo. Este deve ser um desejo espontâneo de cada filho de Deus. Você sente a necessidade dum poder do Alto na sua vida porque é uma nova criatura em Cristo Jesus. Estou certo de que você gostaria de ter a plenitude do Espírito Santo. Mas por que deseja este poder do Espírito? A fim de que você seja considerada uma pessoa espiritual? Para que você tenha sucesso no viver? Para alcançar uma experiência emocional?

Qual é o seu motivo de desejar a plenitude do Espírito Santo? Pense nisto um momento. Será que você quer a plenitude do Espírito Santo para servir e glorificar a Deus? Já passou no seu pensamento que talvez Deus queira dar a plenitude do Espírito Santo para a sua vida a fim de que você leve o Evangelho a uma tribo de índios? Não sabemos "aonde" mas, sem dúvida, este poder é dado para que nós O sirvamos, dando testemunho d'Ele aos que andam em trevas, em qualquer lugar indicado por Ele.

Nosso motivo deve ser este: PARA CUMPRIR A VONTADE DE DEUS E PARA GLORIFICAR A DEUS.

Lembre-se! Você já possui o Espírito Santo! Desde que você aceitou a Cristo como Salvador Ele habita em você. A questão, entretanto, é esta: Possui o Espírito Santo a sua vida por completo? Está você inteiramente submisso ao Seu contrôle? Você procura e segue a Sua orientação em todos os seus passos? Apresenta-se diariamente a Ele? Depende d'Ele para lhe tornar pleno do Seu poder e usar a sua vida? Você dá oportunidade para o Espírito manifestar este poder através do seu viver? Em outras palavras, você está servindo ao Senhor com dependência do Espírito Santo a fim de obter capacidade e poder para essa tarefa? Há alguma cousa em seu coração ou em sua vida que está impedindo uma completa operação do Espírito através de você?

É aconselhável examinarmos nossas vidas diariamente; procurarmos na Palavra de Deus uma luz para os nossos caminhos. Pedirmos manifestação completa do

Espírito Santo em nossa vida. Dependemos de Deus para fazer tudo o que fôr necessário.

Nossos próprios esforços para obtermos tal experiência sòmente podem resultar em desilusão e frustração. Porém, o senhor Deus conhece nossos corações. Ele honrará a nossa fé e nos dará *tudo* o que *necessitamos* e o que podemos usar para a Sua glória.

Esta vida de perfeita comunhão com o Espírito Santo é a experiência mais íntima e mais maravilhosa que podemos ter sôbre a terra. Transborda nossos corações de amor e alegria.

Você pode experimentar esta vida. Para isto é necessário apenas que você se entregue inteiramente e sem reservas ao Espírito Santo. Faça isto hoje mesmo. Ore pedindo o Seu poder. Use êste Poder para o serviço do Mestre. Testemunhe perante todo o mundo que o Senhor não apenas salva, mas satisfaz também.

E agora com êste Poder em sua vida você será um fogo ardente em chamas e, dêste modo, estará capacitado a ascender outras vidas que estiverem ao seu redor. Imagine uma igreja cujos membros fôsem verdadeiras velas acesas! Que conjunto de luz teríamos brilhando sôbre a terra! De longe poderia ser observada a claridade! Todos veriam essa luz!

É isto, prezado leitor, o que a plenitude do Espírito Santo faz na vida do crente. Seja você a centelha que haverá de incendiar em seu grupo o fogo dêsse Poder tão glorioso!

É meu sincero desejo que Deus faça de cada leitor um vaso cheio de suas bênçãos. Há na verdade uma vida de vitória e poder para todo o filho de Deus, e portanto eu estou certo de que você está incluído neste grupo. Ele quer dar a você esta vida, pois não o fêz para rastejar na lama do pecado mas sim, para gozar as delícias da sua presença.

Você é o templo do Espírito! Há templos apagados. Há templos à meia luz. Há templos iluminados.

A minha oração constante é que, no meio de uma geração sem Deus e sem poder, possamos nós, os que crermos, ser templos iluminados, brilhando neste mundo de trevas, mostrando o verdadeiro caminho de paz e de salvação. Templos do Espírito, iluminados pelo Seu poder, vencendo e levando outros à vida vitoriosa!

“Mas recebereis o poder...”

Que assim Deus nos ajude!”

B I B L I O G R A F I A

- 1 — Almeida — João Ferreira — “Bíblia Sagrada”; “Novo Testamento” — Revis. autorizada.
- 2 — Almeida — Dr. A. — “A Doutrina Bíblica do Espírito Santo”.
- 3 — Conde — Emílio — “O Testemunho dos Séculos”.
- 4 — Entzmiger — Dr. W. E. — “O Poder do Alto”.
- 5 — Gee — Donald — “Acêrca dos Dons Espirituais.
- 6 — Haan — M. R. — “O Falar em Línguas”.
- 7 — Jones — E. Stanley — “O Cristo de Todos os Caminhos”.
- 8 — Kuyper — Abraham — “The Work of the Holy Spirit”.
- 9 — Lawrence — J. B. — “O Espírito Santo e Missões”.
- 10 — McConkey — James H. — “O Triplo Segrêdo do Espírito Santo”.
- 11 — Orr — J. Edwin — “Plena Submissão”.
- 12 — Ridout — George W. — “O Espírito Santo”.
- 13 — Robson — John — Rev. “The Holy Spirit”.
- 14 — Smith — Oswald J. — “A Concessão do Poder”; “O Homem que Deus Usa”; “O Reavivamento de que Precisamos”
- 15 — Tognini — “O Espírito Santo”.

COMPOSTO E IMPRESSO POR
"IMPRES" - COMPANHIA BRASILEIRA
DE IMPRESSÃO E PROPAGANDA
SÃO PAULO — BRASIL


~~~~~

PROCURE ESTAS OBRAS  
NA MESMA EDITORA:

Obras por **Dr. O. J. Smith**

PAIXÃO PELAS ALMAS  
O PAÍS QUE EU MAIS AMO  
O REAVIVAMENTO DE QUE  
PRECISAMOS  
A CONCESSÃO DO PODER

Folhetos

O HOSPÍCIO DO UNIVERSO  
APENAS UM CAMINHO  
O MAIOR VERSÍCULO DA  
BÍBLIA  
A BÍBLIA CATÓLICA ROMA-  
NA TRAZ A RESPOSTA

Livreto por **E. M. Bounds**

PODER ATRAVÉS DA  
ORAÇÃO



Escreva para

**HINMAN & OVERHOLT LTDA.**  
Caixa Postal, 3632  
São Paulo, Capital  
BRASIL

*Atendemos pelo Reembolso*

~~~~~


